ANNO XXIII — N.º 14
Rio, 6 de Abril de 1929
Preço: 1$000

# O Conto Brasileiro

## SUMIRÊ

"Vem commigo... Dá-me a tua mão e fecha os olhos docemente... Desapaixona-te... Vaes brincar. Eu te darei um kimono castanho e uma ventarola de seda. Escuta... Ouves, o "samisên"? Vê agora. Japão!"

* * *

Um pedacinho do mundo emmoldurado pelas cerejeiras vestidas de arminho côr de rosa para o chá cerimonioso da senhora Primavera. A sala é azul e o céo está raiado de ouro. As janellas de papel sorriem para o jardim pequeno e florejante um sorriso escancarado. Nas paredes, tambem de papel, "kakemonos" artisticos de Outamaro e no chão, sobre macios "tatamis", jarras de porcellana atulhadas de glycinias de Kameido. Até o feissimo Buddha de lacca vermelha collocado num dos angulos do celeste salãozinho, sobem em aspiraes, somnolentos, os fumos castos do benjoim queimado. Envolta num kimono de seda branca, com o busto fino cingido pelo braço lasso do "obi" côr de lacre, a filha do Mikado, a illustrissima senhora Sumirê, divertia-se jogando o "Irôha no datoé" com as filhas dos seus servos. Sentada á oriental, retirava de uma caixa de xarão as cartas do rustico baralho adquirido numa loja de bugigangas pelo preço muito convidativo de um "sen". Sumaré adorava esse baralho plebeu, brinco dos garotos da rua attrahidos pelo pregão encantado: "Um sen! apenas um sen!"

A criança levava as folhas pintadas, recortava-as á tesoura e orgulhava-se de ser soberana de um brinquedo maravilhoso e de uma maravilhosa moral.

A princeza tirou do cofre uma carta do jogo e leu o rifão em voz alta: "Em casa onde se ri, entra a fortuna".

Riu expansiva, ruidosamente num ousado olvido de "poses" e pragmaticas.

"Princeza", falou uma velhinha que, um pouco afastada do folguedo, lia, pela decima oitava vez, a tragica historia do "Principe Assano", "a carta que está na tua mão esquerda merece attenção. Ella te diz uma grande verdade."

Sumirê fixou o olhar no rosto myrrhado de sua tia e os seus olhos pequenos e um quasi nada empapuçados apertaram-se nervosamente.

"Eil-a, mãe velha". E, com a pronuncia affectada, leu, accentuando syllaba por syllaba: "Uji yori sadachi. — Parece-lhe isto uma grande verdade?"

"Oh! Sumirê! duvidas dos deuses que te fizeram formosa como os divinos lothus do lago de Shinobâzun? Sim. E' de uma innegavel sabedoria este proverbio: Mais vale a educação do que um nome illustre de familia."

A allusão era indiscreta, mas a princeza já sorria com menos brejeirice.

"A mãe velha é muito experiente... Os deuses! Que beatismo!"

Estendeu o braço, offerecendo as cartas á velha, ao mesmo tempo que atraz do leque sorria o lindo sorriso que lhe roubava a educação, isto é, a compostura physica, a apparente quietude do espirito, predicados tão rigorosamente exigidos pelos fidalgos da sua casa. Mãe velha foi infeliz na escolha e arrefecêra de repente.

"Então?" inquiriu a senhora Sumirê, "que lhe dizem os deuses de Nikko?"

"Os deuses foram maus e amargos, princeza. Elles me asseguram que: Até as sentenças do inferno se compram a dinheiro."

Levantou-se, na roda, um concerto de risos partidos e de cacos em riso. Porcellanas transparentes da senhora Primavera...

"Que sabia verdade, mãe velha! Se a falta de tacto social me conduzir ao inferno... Sahirei delle cheia dos espiritos de Buddha!"

A filha do Mikado gargalhava! Sumirê ousava raciocinar e ter opiniões como se fosse um "samurai"!

A tia, magoada nas suas crenças, levantára-se e, retirando da caixa de xarão uma nova carta, deitou-a no chão, em frente da princeza, fazendo graciosamente as tres mesuras de estylo.

"Eis a ultima cartada desta tarde, Sumirê. Não batas na face de Buddha mais de tres vezes. Toda a benevolencia tem limites."

* * *

No desenrolar desta historia Sumirê leva nos hombros o fardo magico dos vinte annos. Ha nos precipicios das suas pupillas acastanhadas e na superficie da sua alma a chave de todas as glorias humanas. Vinte annos.

Era princeza por gerarchia, rainha por formosura, delgada e direita como as modernas bonecas de Tokio. Não era amarella nem esquiva e a sua mocidade não tivera a martyrizada florescencia dos chrysanthemos imperiaes que desabrochavam sob as leis de um

## O Commentario

*São incalculaveis os prejuizos causados á economia nacional pela campanha de imprensa sobre a febre amarella. A repercussão no interior do paiz e no estrangeiro dos exaggeros vehiculados pelos jornaes tem produzido quasi que o panico nos negocios, creando terrivel ambiente de difficuldades para todas as classes productoras, industriaes e commerciaes.*

*Nem podia deixar de ser assim. O negocio é por sua propria natureza timido e desconfiado. O menor alarma faz com que se encolha. E, cessado o movimento, acabados estão os lucros e paralisadas as transacções.*

*A Associação Commercial, em face do alarmismo desarrazoado, reunio-se e resolveu incumbir as suas congeneres dos Estados e tomar a si a tarefa de informar os mercados productores e consumidores da situação exacta da febre amarella no Rio, de maneira a oppôr um dique á acção prejudicial dos informes exaggerados ou terroristas.*

*Ainda bem!*

fanatico. Tambem o seu genio não se amoldava ao caracter passivo, indifferente, quasi estoico do povo nipponico, razão por que os subditos do Mikado lamentavam o rebaixamento das suas convenções, as atrevidas innovações que os obrigavam a seguir por uma trilha escura, sob os problematicos auspicios do deus Futuro.

O poder da joven filha do Sol era como uma bandeira desfraldada á frente do cortejo dos jovens avidos de liberdade, ouro e horizontes infinitos. Sumirê era odiada pela nobreza. Criticavam-lhe a erudição... Os olhos escuros... Os labios morados... O queixinho furado... A preciosa cabelleira que a fazia curvar o busto ao peso do penteado fantasioso enfeitado de grampos azues e flores de ameixieira votadas ao exilio dos ramos no negrume daquelles cabellos entesados pelo oleo de camelia.

Sumirê calcára com a arrogancia do seu nome excelso todas as hypocrisias que a cercavam. Estudára ás occultas de seu pae varios idiomas exoticos e lia (ó Confucius!) versos de Lamartine. A senhora Sumirê lia muito, lia tudo e perguntava ao seu leque roxo ou aos bambús do seu jardim, por que os altivos "daimios" não viviam a vida, não amavam o amôr com a exaltação de sangue e imaginação dos heróes de romance que tão bem sabiam olhar os olhos e beijar os labios de uma mulher.

Tinha a princezinha doze annos quando se refugiou no palacio do

# O CONTO BRASILEIRO

*(Continuação)*

* * *

filho do Sol, entre a vassallagem, uma mulher havaneza. Vinha do mysterio e somente Sumirê, que se lhe affeiçoára perdidamente, sabia que o seu passado fôra vivido numa tasca de Port-Said. Regenerára-se. Era uma sonhadora que trazia para a terra das mulheres pequeninas a sua lyra partida. Envelhecera. Com ella a princeza aprendêra o amôr, a musica, os bailados de palco que a obrigavam a exhibir o seu corpo de menina apenas coberto por trapos de gaze. Aprendera a aspirar longamente o perfume de uma flor, a ouvir as revelações da vida, as confidencias azues da lua cheia e o sentimento do coração. E Sumirê, romantizada, achou o mundo pequeno para supportar o peso da sua mocidade.

* * *

TOKIO estava em festa. A natureza tambem. O povo que se encontrava na ponte principal ora se dirigia ás feiras abarrotadas de barraquinhas de papel, ora á praça onde se jogava, brigava e fumava em narghilés de aluguel um pessimo fumo.

As mulheres casadas vestiam o seu kimono nupcial e aventuravam um sorriso longe das sogras e parentes dos seus maridos.

Na gaia confusão das lanternas de côr suspensas nos beiraes dos pagodes e nos ramos dos pinheiros, dos vistosos "obis" das "nipponnés" Luiz Guimarães Filho), dos guardasóes sarapintados, a vida cantava pela voz sonorosa do senhor Outomno, que pintára de amarello as montanhas de Nikko e de vermelho os "momiji" do parque do imperador.

Sumirê fugira do seu palacio. Sob o rico kimono de seda negra estampada de hortensias côr de opála, ella levava o muito amado traje de bailarina. Tudo a maravilhava... Tudo a perdia... Misturou-se com a plebe e foi levada, entontecida, como os patos selvagens, na rêde do caçador. Na praça illuminada a multidão rodeára um musico ambulante. Um tocador de samisên? Um "hanashika"? (contador de historias). Elle cantava-cantava... Sumirê estacou.

Era em francez a letra do canto: "Oh! Bentên!" A padroeira do amôr ouvira o seu pedido e recebêra no seu seio os fumos custosos do benjoim. Encontrava finalmente um japonez modernista! Havia de se fazer querida. Não deixaria fugir a felicidade que estava ali. Com a cabecinha cheia de sonho, Sumirê procurou romper o circulo dos ouvintes e, sem esperar que o seu desejo fosse tão depressa realizado, achou-se inopinadamente ante um homem branco. Louro! A filha do Sol jamais vira um homem que tivesse cabellos doirados e olhos azues.

O estrangeiro analysava o seu kimono sumptuoso e o seu penteado traspassado de grampos.

Emfim, a princezinha falou timidamente:

"Não me mande embora. Eu falo o francez..."

Conversaram. Muito rumor em volta delles. Dissonancia. Conversavam sempre. Elle avido, surprehendido por encontrar uma japoneza tão arrojada e que falava a sua lingua com uma pronuncia requintadamente maliciosa. Ella esquecida, presa, descobrindo pouco a pouco um encanto sem fim naquelles olhos moços, claros, azues...

Divina Bentên! Seria o amôr essa dolorida suavidade que enchia de verde rumor o branco silencio do seu coração?

Quando o musico principiou a dedilhar as cordas do seu instrumento, Sumirê, despindo o kimono, gritou-lhe vivamente:

"Vou dançar". E dançou.

O seu corpo sinuoso, magro, quebrou-se todo na cadencia alegre de uma melodia quasi triste. O homem branco já não cantava e seguia com os olhos, sem crer, a joven princeza que bailava numa praça publica como uma bacchante sob as parras corinthias.

Sumirê embellezára-se naquella dança improvisada. Os seus cabellos soltaram-se, ennegrecendo as espaduas despidas. As suas mãos traçavam no ar, empoado de luz, uns desenhos impacientes. Nos movimentos rythmados a gaze côr de oiro ora se enfunava, ora se abatia, doirando os contornos dos quadris, enroscando-se nas coxas núas. A filha do Sol dançava. No chão, ao seu lado, o kimono de sêda parecia um pesadelo, manchando de negro o puro "en" de Soror Areia.

* * *

FINDAVA a noite. Na transparencia agrisalhada da ante-manhã viam-se ainda as luzes dos templos em festa e das residencias dos foliões opulentos embriagados de opio e de maus amores. Na praça quasi abandonada, Sumirê ouvia o musico louro. Olhos azues nos olhos amendoados... Amor! Elle falou:

"Eu sou Amaury. Era pescador... trago no sangue todas as lendas da Bretanha. No dia em que meu irmão pereceu afogado, minha mãe prendeu-me ao pescoço uma velha reliquia que, dizia, tinha o poder de afastar de mim as tentações das filhas do mar. Eu completára quinze annos, era visionario, scismatico, rei do meu mundo, da minha ardencia, da minha cabelleira loira... Quiz saber... Contaram-me uma historia comprida de mulheres moças e amores ve-

## O CONTO BRASILEIRO

*(Conclusão)*

lhos. Ellas eram fingidas, tinham a pelle doirada, cabellos verdes, seios pequeninos e sabiam bailar sobre os syrtes... Elles eram violentos e eternos... Apaixonei-me, sonhei com todos os beijos do mundo rasgando a minha bocca e senti os nervos vibrantes, tensos, tangidos pelo desejo. Depois fiquei homem, desprezei-me e descri da vida que principiava a viver. Hoje, criança, acordaste em mim multas emoções distantes, não sei se espectros de barcos ermos ao luar, ou se saudades das rosas, das pombas e dos sinos da minha terra. Os teus cabellos rescendem á brisa maritima... Pareces-me a illusão que perdi e que repousava no fundo do mar..."

Sumirê pendeu a cabeça para o lado do coração.

"Eu sei que faço mal, mas não posso e não quero fugir de ti. Já te esperava ha muito tempo... tres vezes floriram as cerejeiras do parque de Uyêmo. Mãe velha dizia sempre: "E's moça e logo virá do sol um principe que será o teu senhor e te levará para longe, muito longe... Obedecerás á tua sogra em tudo e por tudo. Dia virá!" Desde então odiei todos os convidados de meu pae que tinham brazões e não tinham amor. Eu esperava um homem pobre e humilde que me quizesse bem, por mim, por mim somente! Chegaste emfim. Eu te amo. A minha taça de chá tem o claro colorido dos teus olhos... Leva-me. Eu te esperava ha tanto tempo! Tres vezes tombaram as flores da cerejeira."

* * *

SAYONARA!

A filha do Mikado abandonou o seu palacio, o seu bom nome e os noivos de sangue azúl. Levou apenas o negro kimono de seda roçagante. E, de mãos dadas, ella e ella, a japoneza e o musico louro foram pela vida e para o amor. Do seu idioma Sumirê ensinou ao seu amante um proverbio do antigo baralho, talvez ainda guardado no cofre de xarão: "Mesmo o roçar passageiro de duas mangas que se encontram é o resultado de uma ligação contrahida numa anterior existencia."

Assim é. Sempre haverá dentro da mocidade uma Sumirê e dentro do circulo de auroras terrenas uma cerejeira carregada de flôr idealizando os scenarios banaes nas recepções cerimoniosas da senhora Primavera.

* * *

"Vem commigo... Abre os olhos para o mundo. Procura a vida e terás amado. Procura o amor e terás vivido."

DULCE AMARAL.

# COUSAS DA CASERNA...

QUANDO, por volta de 1895, tivemos a felicidade de chegar a Bagé — o mimoso Jardim dos pampas, a terra das minhas grandes affeições — vindo de sahir victoriosa de uma refrega brilhante num sitio memoravel de 18 dias e 18 noites, onde refulgiu a bravura indomita dos seus poucos defensores, a cuja frente se achava essa figura de soldado realmente valente e magnanimo que se chamou Carlos Maria da Silva Telles, fômos servir no tradicional 17°. de infantaria, reorganizado na heroica Lapa, no Paraná, pelo saudoso Coronel Claudio do Amaral Savaget, o mais perfeito fazedor de ordens do dia militares que temos conhecido.

Nada menos de uns 600 homens — quasi todos filhos do Norte — alli estavam incorporados ao 17°, recebendo instrucção intensa e aprimorando o caracter dentro das normas de uma disciplina rigorosa e salutar!

Para nós officiaes, meia duzia apenas, sem tugir nem mugir aguentavamos no duro toda instrucção ministrada ao pessoal pela manhã e á tarde, nos rigores de um frio horrivel, afóra outros muitos serviços que pesavam cruelmente naquelles tempos sobre o pobre official arregimentado, uma especie de pão para toda obra...

Dentre os os officiaes, todos alferes em commissão, feitos pelo grande Floriano, um havia que era mesmo um *caso*... J. M. P. chamava-se o collega. Bom rapaz, fina educação, algum cultivo, falando regularmente a lingua dos paes, que eram francezes. mantinha, infelizmente, estreita e prejudicial camaradagem com o terrivel Baccho! Dahi andar sempre em misero estado de corpo, alma e... finanças... Quando neste estado, em chegando ao quartel, communicava a todos que *ia ser pae*...

Para assistir ao *nascimento* do pimpolho ou pimpolha, como elle dizia, pedia dispensa do resto do expediente e tocava para casa. Uma vez recolhido aos penates, em companhia de outros *amigos*, augmentava a *farra* e *damnava-se* a soltar foguetes em regosijo ao *nascimento do filho!*

E a vizinhança que supportasse o foguetorio em honra á vinda do *messias!*

Certa manhã, o trôar de foguetes foi mesmo demasiado abusado, o que fez o coronel indagar do corneteiro de piquete — um cearense levado dos diabos — a causa de tudo aquillo. E o corneteiro, maliciosamente, respondeu:

— E' sinha dona de seu alferes P. que teve menino...

Passado algum tempo, novo tiroteio e nova pergunta do commandante ao corneteiro que respondeu no mesmo diapasão:

— E' sinha dona de seu alferes P. que teve menino...

O chefe franziu a testa intrigado com a resposta e mandou chamar o fiscal, com quem conferenciou longamente sobre o assumpto, inteirando-se de tudo.

Epilogo: — o collega foi soltar foguetes e ser pae em outra guarnição e o corneteiro mettido no xadrez por ter usado de uma linguagem pouco disciplinar quando prestava uma informação ao seu commandante...

JÁDER DE CARVALHO.

# URODONAL

## evita a arterio-esclerose

Aconselhado pelo Professor Lancereaux, Presidente da Academia de Medicina de Paris

O signal da temporal indica o inicio da arterio-esclerose.

«A indicação principal, no tratamento da artério-esclerose, consiste, antes de tudo, em impedir a formação e o desenvolvimento das lesões arteriaes. No periodo de pre-esclerose, o acido urico que é o unico factor de hypertensão, faz que se deve luctar energicamente e frequentemente contra a sua retenção no organismo, empregando-se o Urodonal.»

Professor Faivre,
Professor de Pathologia Interna da Universidade de Poitiers, França

Estabelecimentos CHATELAIN.

12 Grandes Premios

Fornecedores dos Hospitaes de Paris
2, rue de Valenciennes, em Paris
e em todas as Pharmacias

**Tem-se a idade das suas arterias: conservem-se as arterias jovens com o URODONAL; evita-se d'este modo a arterio-esclerose que endurece as paredes dos vasos, tornando-os friaveis e rigidos.**

Approvado pelo Departamento Nacional de Saude Publica do Rio de Janeiro ... junho de ...

«Depositarios exclusivos para o Brasil»: Antonio J. Ferreira & C. — Caixa Postal 624 — Rio de Janeiro. — Recusar todo o producto que não tiver a etiqueta AZUL assignada «FERREIRA» e cujos prospectos não sejam em PORTUGUEZ.

"O URODONAL fabrica-se em granulado e PASTILHAS"

# AQUELLA TOSSE IRRITANTE...

que tanto o molestou durante o dia foi debelada com duas colheres de "XAROPE DE GUACO" (Glyco-Creosotado) apenas chegou á casa.

Amanhã, sorriso nos labios, esse sorriso que é a razão de ser do seu exito na vida e que só o abandona na enfermidade, trabalhará satisfeito para maior engrandecimento de seus negocios.

Exijam sempre

**"XAROPE DE GUACO"**
**(Glyco - Creosotado)**

App. e licenciado pelo D. N. S. P. sob o nº. 764, em 20-1-1919

**Á venda em todas as pharmacias e drogarias**

Pedidos a

**J. V. Borba & Cia. Ltda.**

Telephone N. 0927

RIO DE JANEIRO

# O que nem todos sabem

No mar, ha quarenta typos de boias: umas assignalam arrecifes, outras, restos de naufragio, baixios, bancos de areia, canaes e outras indicações precisas para o navegante.

* * *

A mais alta temperatura do corpo humano, até agora registada foi essa verificada em um enfermo de Los Angeles, o qual teve 43°,6 de febre e não morreu. Divuga o caso, com os commentarios que o mesmo suscita, a revista norte-americana *California and Western Medicine Journal*, em uma de suas edições recentes.

* * *

A crina vegetal, tão utilizada na industria, é obtida de umas palmeiras que crescem a éste de Madagascar.

* * *

A violeta era um emblema de Napoleão Bonaparte. As *Memorias* da Rainha Hortencia dizem por que essa flor se tornou um emblema.

O imperador da França acabava de chegar a Paris, de regresso da ilha d'Elba. E perguntou á enteada:

— Por que todas as mulheres me offerecem ramos de violetas?

— Os soldados de seu exercito — respondeu ella — diziam que Napoleão voltaria na época das violetas. E, de facto, assim aconteceu. Eis por que essa flor se tornou um emblema.

Sempre chamou a attenção, causando admiração, a solidez dos ladrilhos com que os antigos egypcios construiam seus monumentos. Seus monumentos que ha quatro mil annos resistem ao tempo.

Muito se fez para se conhecer o segredo de sua fabricação. Mas esse segredo escapava a toda sorte de analyse. Afinal, depois de paciente investigação, um engenheiro deu com a chave.

Os egypcios cozinhavam palha em agua e amassavam a argilla com o caldo obtido. A palha fervida tem a condição especial de dar dureza indestructivel aos ladrilhos como se póde comprovar pelos monumentos seculares deixados por aquella civilização remota.

**Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.**

# UM BOM CONSELHO!

**Quando o senhor soffrer do ESTOMAGO, tome**

# DIGESTONICO

**do Dr. VICENTE**

Appr. D. N. S. P. Sob o Nº 169 em 24-3-1927

## ARDORES - DYSPEPCIAS ACIDAS

Laboratoire des "PRODUITS SCIENTIA" - PARIS

A venda em todas as pharmacias

# Mellin's Food

*O Alimento que sustenta*

Que alegria tão grande para uma mãe quando nota que o desenvolvimento dos membros, vigorosos e sãos do seu bébé, é devido a uma alimentação sensata! Assegure-se de que o seu bébé toma o alimento que lhe convém. Este alimento é **MELLIN'S FOOD**. Misturado conforme a idade do bébé, **MELLIN'S FOOD** é um alimento completo que proporciona ossos fortes, carnes rijas e uma constituição sã.

Amostras e Brochura gratis a quem as pedir, mencionando a idade do bébé e o nome d'este jornal

a **Crashley & C.**, 58, Ouvidor, Rio de Janeiro;

**Ferreira & Rodriguez**, 23, rua Conselheiro Dantas, Bahia;

**H. Wallis Maine**, Caixa 711, São Paulo;

ou a **Mellin's Food, Ltd.**, Londres S. 15 (Inglaterra).

# Envelhecer...

Por Marilda Palinia

ENVELHECER... A tristeza da velhice, a resignada melancolia dos que se sentem envelhecer!

Amaveis moralistas, professores de energia e optimismo, que se propõem a ensinar á humanidade, fraca e viciosa, o caminho da vida sã e feliz, apontando, numa ingenua confiança, a fonte de Juventa no respeito ás leis de hygiene e moral, asseguram que o homem só começa a envelhecer realmente, quando o sentimento da velhice, ou antes, a deprimente sensação de envelhecer o autosuggestiona a tal ponto, que, intoxicando-lhe o cerebro e o coração, vem reflectir lamentavelmente em sua vida intellectual e physica.

Para Marden, como para tantos outros, a velhice é quasi uma superstição e é mais do que uma doença da vontade.... curavel no emtanto.

Só envelhece quem quer e quando quer.

Aos fortes e aos bons a velhice chega devagarinho e de maneira tão suave, que mais não é que uma segunda maturidade, aureolada de esplendor.

* * *

Envelhecer!

A dorida magua de se sentir viver....

A amarga tristeza de sentir morrer....

Tambem a illusão doce de passar pela vida sem que ella nos tóque, nos modifique, nos deforme, antes da inevitavel detruição da morte.

Depois da embriaguez doirada da mocidade, o repouso, a força, o equilibrio, a calma, o bom senso da idade madura, na qual nosso cerebro, nossos nervos e nosso coração desejam estacionar, invejando a robustez dadivosa das grandes arvores que, annualmente, se cobrem de flôres e fructos e são, ao mesmo tempo, primavera e outomno, promessa e realidade.

* * *

Envelhecer!

Envelhecer é como crescer!

Quem poderia aprender e acompanhar a lenta e mysteriosa transformação da menina em moça?

Nem mesmo os que de mais perto, dia a dia, hora a hora, instante a instante, vigiam e observam a vida da criança, se dão conta da maravilha.

E' uma transição insensivel que não fére a vista, nem impressiona o espirito, mas que se opera fatalmente, sem um segundo de paralysia, tornando, em pouco tempo, a adolescente desgraciosa uma formosa creatura, cheia de todos os encantos da mocidade.

Um dia, um extranho faz a revelação, patenteada em uma phrase de surpresa, que marca a metamorphose por que passou a criança.

E' como si a natureza tivesse dado um salto mortal.

Despertados, de subito, brutalmente, só então enxergamos a realidade.

Assim a velhice.

Vamos para ella docemente, mansamente, insensivelmente, inconscientemente.

Nada em nós tráe ainda a decrepitude, lembra o declinio.

Sentimos o corpo forte, o espirito lucido, a imaginação viva, o coração alegre.

Somos jovens.

De repente, uma phrase, um gesto, um olhar, qualquer cousa de imprevisto, de insignificante, nos faz comprehender, com a rapidez do raio, toda a extensão e toda a significação desta palavra duplamente terrivel para a mulher: a velhice.

* * *

Envelhecer...

A dôr de sentir que a morte nos ronda e vigia, infatigavel, activa, fazendo a sua macabra colheita entre moços, crianças e velhos.

A todo instante manda-nos um aviso.

Mas, pensamos sempre num optimismo egoista.

— A morte? Está longe, com certeza.

E' muito cedo ainda.

Um dia, ao recordarmos uma festa qualquer, observamos que, dos alegres companheiros daquella hora de prazer, poucos, ai! bem poucos vivem ainda.

E destes poucos, nós somos, talvez, o mais velho.

Muitos, quasi todos, já dormem o somno que não tem fim.

E' o rebate da velhice!

Eil-a que chega, que nos mostra o rosto pallido e engelhado e nos estende a mão fria e adunca.

Reagimos. Lutamos. E' tão cedo ainda!

Sim, é a tarde ainda, mas a tarde é vizinha da noite.

E' a tarde de um bello dia estival, mas é quasi o crepusculo tambem. O sol, ainda alto, cobre a terra de uma poalha luminosa, redoira o cimo dos montes e dá uma viva scintillação ao azul metallico do céo.

A paizagem, banhada de sol, reverberante de luz, offerece e faz aspirar a penumbra remansosa das sombras, a poesia melancolica das meias-tintas, como se deseja um oasis de frescura, depois de longa caminhada sob um sol de fogo.

Daqui a pouco será noite.

E é quasi com ardor que esperamos a noite placida, mãe do silencio, do repouso e do esquecimento, povoada de sonhos bons.

* * *

Envelhecer...

Para muita gente a velhice terá o saudoso encanto das evocativas noites de luar.

Para outros, será como uma noite tropical, mysteriosa e ardente, na refulgencia de mil estrellas, crepitando á flôr do abysmo negro do céo.

Para outros, ainda, chegará brutalmente, como certas noites caliginosas, pesadas, ermas, que nos envolvem na tréva absoluta, compacta, oppressiva, lethal...

LOURDES AMARAL (S. Paulo) — Diz V. Ex. que vae publicar um livro de versos. Esse livro tem um titulo, como todos os livros: "Devaneios".

(Neste momento, tenho vontade de suspirar... Imagino todas as scenas em que os namorados suspiram e reviram os olhos, languidamente...)

"Devaneios"! E' magnifico!

Pergunta si acceito um volume da sua obra. Ora essa! Por que não? Acceito-o, e é possivel que o leia. Quem sabe! Ha tanta fatalidade no destino de um jornalista como eu... Tudo me póde acontecer de tragico. Até ler um livro de versos, que se intitula, passadistamente, "Devaneios".

Agora, uma coisa eu lhe prometto: é não gostar dos seus versos. (Espero que não tenha uma syncope, o que não seria elegante para uma poetisa.)

Prometto não gostar dos seus versos, si elles forem como este magro soneto "Suprema aspiração", que V. Ex. me envia, de par com os mais pomposos elogios á minha obscura personalidade literaria...

Gostou?

LITA (?) — Obrigado. Estou sinceramente commovido com as suas expressões captivantes. E' um consolo, no entrechoque das lutas e competições literarias, em que os despeitados, geralmente, nos atacam sem criterio nem hombridade, encontrar alguem, como V. Ex., que deseja fazer justiça e pôr os pontos nos i i.

Guardarei a sua cartinha como um documento gentil, que só merece o meu carinho.

CORRIGENDA (?) — A revisão foi cruel commigo, em nosso numero 12, (23 de março de 1929) na secção "Evanidade".

No topico *Estrellinhas* escrevi: "E dizer que me illudiste, durante tão *longo espaço de tempo*". E o que saiu publicado, erradamente, foi: "E tu me illudiste, durante tão longo *prazo de tempo*".

Um *postal* no commentario "Claro-escuro:" E' noite. Aqui na redacção a sombra se estende longamente, emquanto as asas macias do silencio palpitam no ambiente morno e triste.

Sobre a minha banca, arde uma lampada, accesa como uma vigilia votiva".

Mas todo esse periodo appareceu truncado.

Em *Réverie*, o que escrevi foi: "Gosto desse quadro hieratico", e não: "Gosto de quadro hieratico".

No mesmo topico, adeante: De um lado do céo, a tinta que o nuança, côr de lilaz; do outro, é cobalto", e não como foi composto.

MLLE. SOMBRA (Capital) — Qual "Mlle. Sombra" será V. Ex. das "Mlles Sombras"? Ha tantas no "Saibam todos"... Ou por outra: houve tantas...

Em todo caso recebi com alegria o seu cartão postal, onde V. Ex. pôz á prova os seus talentos pictoricos, desenhando um amorzinho gordo e nú.

Eis aqui a descripção do seu motivo sentimental. Um pequeno Eros, de cabellos côr de ouro e em desalinho. Physionomia grave de um cupido que soffre. As mãos para traz, estão fortemente amarradas com uma corda mais grossa do que aquella com que Judas se enforcou.

Do pescoço do anjinho desnudo — cujas asas são roseas — pende uma corda tambem grossa, muito grossa, que até parece um cabo do "Minas Geraes". O pequeno cupido contempla — de olhos fechados, o que é impressionante! — uma mochila, que está no chão e cuja bocca se abre, derramando quatro corações vermelhos e palpitantes — corações que mais parecem azes de copas... (*Excusez du peu...*)

A' margem do postal, este nome sympathico, e que tanto já me interessou — "Mlle. Sombra". — No verso do cartão: "Saudades".

*Voilà tout!*

Francamente, não atino com a significação de tal symbolo. Que é que exprime esse amor liberto e ao mesmo tempo, encarcerado — que contempla uns poucos corações, de olhos fechados, como si estivesse morto?

Será o seu affecto?

A physionomia do amorzinho indica que elle está constrangido. Sente-se que cobiça os quatro corações que se derramam pelo solo a seus pés.

Ora, si nisso ha um conceito, baseado n'um tantalismo de ordem moral, pode ser interpretado deste modo: Alguem, que está preso pelo amor, (um casamento talvez? Um noivado forçado por circumstancias economicas?) esse alguem, que está preso, não deve ser feliz. Soffre evidentemente. Deante de si vê quatro corações jovens, estuantes, cheio de vida e vibração. Elles *à la portée*. Mas como attingil-os, apoderar-se delles, si o amorzinho está manietado? Fica-lhe o desespero na alma. A agua na bocca. E a tristeza na face, pelo horror e o respeito ás convenções sociaes, as hypocritas convenções sociaes.

Não faço a apologia do amor livre. Mas não creio em sacrificios de amores contrariados — em obediencia a uma sociedade egoista, que tudo exige para nada conceder.

Nesse particular, estou com Balzac, que sentenciava: "La femme n'est égale á l'homme qu'en faisant de sa vie une perpétuelle offrande, comme celle de l'homme est une perpétuelle action."

FLOR DEL FANGO (Capital) — A sua letra não é de facil exame. E trabalhosa. Em todo caso, vou dar o resultado do seu estudo.

V. Ex. é de um temperamento frio, muito frio, enfermiço. Deve ser doente, desencorajada e pouco deligente.

Um pouco fatua, sabe ser vaidosa, uma apparencia de simplicidade interessante. E' calma. Mas luta muito com os proprios sentimentos, por isso não sabe ao certo o que deseja. A's vezes é ponderada, mas quasi sempre a sua precipitação compromette os seus actos e os seus planos de vida.

As suas idéas são claras. O seu raciocinio é facil e muito equilibrado.

Possue qualidades de intuição e deductividade.

Moralmente é um espirito vacillante. No trato social é amavel, delicada, e si não é uma estheta, de fino gosto, não se pode acoimal-a de materialista, vulgar e alheia ás coisas de arte, ás idéas superiores e elevadas. Prodiga, no sentido economico. Affectivamente, é quasi indifferente ao amor, mais por uma questão de saude do que por temperamento.

E agora não se esqueça de um "muito obrigado".

LOURENSSO ARAUJO (Capital) — Li o *Funeral do Sonho*, o seu poema de versos da mocidade.

Não é má a promessa que esse volume representa. Sente-se que ha no sr. qualidades de poeta, que, no emtanto, ainda não se desenvolveram.

O sr. pintou bem a eterna tragedia do amor e do interesse, quando estão em jogo, e aquelle acaba triumphando.

Philosophicamente, a sua these pode esta certa. Praticamente, porém, a vida tem demonstrado o contrario: no conflicto do amor com o interesse, é este sempre que vence.

Leiamos, porém, a sua poesia, e as leitoras bonitas, que amam desinteressadamente, que a julguem do melhor modo:

CONFIDENCIAS...

Não querem que eu me case com
[você...
Sem opposição, não sei por
[que?...

E dizem que sou poeta, um so-
[nhador...
E que um esposo bom não posso
[ser!
Que sou bohemio, sou cantor...
E que sou pobre,
E que pertences tu, a uma estirpe
[nobre!
Que vivo no prazer...
E nada mais!
Que vivo de cantar em madrigaes
Estes teus olhos queridos,
Prohibidos por teus irmãos e teus
[paes!...

E eu tenho de sonhar
E de chorar,
Na vida vagabunda de espelunca,
Esta vida que adunca...
A derrocada
Da vida já sonhada!...

.....................................

A Terra é fria... e a noite é lin-
[da...
E o Amor!... o Amor que abra-
[sa... a Mocidade infinda.
Gozemos!...

Assim!... aperta-me em teus bra-
[ços!... mais...
Cantemos da Carne os grandes ma-
[drigaes!
Emquanto tudo é Sombra... as-
[sim, colemos...
A nossa bocca, colemos!...

Grato pela offerta do seu livro.

CO'RA (S. Paulo) — Certamente si V. Ex. procurar os livros que deseja obter, na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166, encontral-os-á. A Livraria Alves é especialista em livros didacticos.

E' nessa livraria onde tambem V. Ex. poderá adquirir a 3ª. edição d'O *Suave Enlevo*. Em São Paulo tambem poderá obtel-o na filial da Livraria Alves.

E' possivel que publique o meu romance "Uma 'garçonne' carioca", até o fim deste anno, ou mesmo em julho proximo. Desejo attender ao grande interesse que os meus leitores e amigos mostram por esse livro de critica social e psychologia comparada.

Até breve, sim?

OLYMPIO CARDOSO (?) — Ora viva! Até que emfim encontrei um camarada bom que me elogia — quando a regra geral é o homem atacar-me.

A mulher, nesse ponto, é mais nobre do que nós. Ella não nos inveja. Diz apenas o que sente. Si gosta, diz: "gosto". Si não gosta, diz: "Não gosto". E' que ella fala pelo sub-consciente, isto é, sem reflectir.

O homem é mau por natureza. Elle nunca diz: "gosto", mesmo quando gosta; mas dirá sempre, invariavelmente: "Não gosto" quando, de facto, não gosta.

E' claro que, de de quando em quando, ha uma filha de Eva que desmente esse juizo. Mas si fôr-mos apurar as coisas, veremos que é uma irresponsavel, uma debil mental, uma creatura mediocre, cuja opinião varia segundo os seus disturbios psychicos. Essas não entram em apreciação.

Mas voltemos á sua missiva. Ella é magnifica.

Escreve o sr., illustre amigo:

"Yves. — Salute. — Permitta que o trate como a um velho amigo. Não quero repetir o que já deves estar cançado de lêr: "assiduo leitor do Saibam Todos".

Porém, tenho algum direito em me considerar teu amigo, pois conheço-o desde que Fon-fon publicou "Sentimental". Lembras-te? Trazia tua foto ao alto. Dahi, sem que ninguem mo dissesse descobri logo, o verdadeiro nome do Yves, e acompanho cheio de admiração pelo teu estylo sincero e attrahente tudo que FON-FON publica da tua penna.

Duvidas? No n.° 7, por exemplo, você escreveu: Evanidade, Theatrinho, Bazar de Bonecas, Sorrindo, Trepações e mais algumas legendas que não menciono para te não massar.

Ora, depois que conhecemos um escriptor atravez de seus innumeros e variados trabalhos durante longo tempo; depois que pouco a pouco vamo-nos inteirando das suas predilecções; da maneira como encara e comprehende as coisas nós e o escriptor um laço sincero de amisade, de familiaridade, como direi, espiritual? Uma certa camaradagem...

Accresce que o escriptor reflecte em quasi tudo que escreve aquillo quesentimos e não sabemos explicar. E's feliz Yves, imaginas quanto soffre quem não possue uma rara e doce facilidade de se fazer comprehender...

Mas agora, meu amigo, é que vaes sorrir superiormente, esse teu sorriso tão malsinado pelas leitoras do "Saibam Todos", sabes por que? — A minha graphologia, pode ser? Daqui estou vendo esse franzir o sobrolho, zangado e: — Esse pedante a me enfarar com suas xaropadas e ainda por cima me pede graphologia. "Dá trabalho. Um excessivo trabalho. E, no fim, que g a n h o eu c o m isso? muitas vezes recebo uma carta de insolencias. E' o meu premio." Tenha paciencia, Yves, você tem a t t e n d i d o tanta gente que não merece... me inclua entre esse grupo e, de antemão deixo aqui um —: Deus te pague. Cordialmente, — *Olympio Cardoso.*

P. S. — Junto, alguns jornalescos locaes. Penso que vaes gozar com a leitura, porque, realmente, estão gozados."

Vamos agora ao commentario:

1.° — O senhor está enganado quando diz que escrevi as secções "Bazar de Bonecas", "Sorrindo" e "Trepaçoess". A primeira e a segunda são feitas pelo nosso novo collega Elcias Lopes; a terceira, *Trepações*, é feita por todos nós. Aqui só duas secções estão a meu cargo: "Saibam todos" e "Evanidade". As legendas, na sua maioria, são minhas. E só. Eu não me enfeito com pennas de pavão.

2.° — Li os jornaes que me enviou. A historia daquelle casamento infeliz não é "gozada", como julga; é, realmente, dolorosa, e cheia de sabedoria profunda, quanto ás desgraças do mundo. Eu sou desses homens que que se collocam sempre ao lado dos mais fracos e dos que padecem sem remedio.

3.° — O senhor me elogia e acaba pedindo um estudo de graphologia. Mas quem leva o *bluff* é o senhor. Fiau! Fiau! — Como vê, fiz reclame de mim mesmo, publicando a sua missiva, e, no fim de contas, não faço o exame da sua letra...

Fiau! Fiau!

YVE

***Aos nossos leitores.* — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.**

* * *

***Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.***

**ENDEREÇO:**

**Rua Republica do Perú', 62**

**Caixa Postal 97 — Telephone Central 4186.**

*FON-FON* — 6-4-1929

*Data da consulta* ......................

*Nome do consultante* ......................

.....................................

# TORMENTO

De LUISA ISRAEL

INHA amiga Maria Eugenia regressou de Salta quando seu pae passou a occupar no Congresso uma cadeira de sendaor pela sua provincia. Pertencia a uma antiga familia colonial, de tradição, cuja unica ambição consistia no dever cumprido, na manutenção da paz e no desenvolvimento do trabalho.

Minha amiga Maria Eugenia era grave, ponderada, silenciosa. Comedida nos seus gestos e nas suas expansões, tinha por habito conter nossos impetos e nossas mais effusivas alegrias. Era ella sempre que, numa quasi descrença, punha dique aos enthusiasmos, aos arrebatamentos tão proprias da juventude.

Despertava-me a attenção essa vida de isolamento que Maria Eugenia se havia imposto, e mais de uma vez tive que defendel-a dos ataques constantes á sua reputação, por parte de suas amigas menos escrupulosas.

Era que, na realidade, Maria Eugenia, pelo seu caracter, pela sua attitude u mtanto esquisita, se expunha a ser chamada, pelo vulgo, que não inquire a causa de certos estados de animo, — uma rara, estranha mulher.

Acontecia-me surprehendel-a, quando a visitava, só, no gabinete de trabalho de seu pae, folheando uns livros antigos que este havia adquirido, em leilão, a um certo bibliophilo. Falava pouco, e seus gestos, por demais medidos, já me eram familiares. Mas, o que mais me parecia estranho nella era a aversão, sem motivo apparente, de que ficava possuida ante as expansões de jubilo.

Isto lhe adverti desde que nos conhecemos.

Certa vez, com o intuito de commemorar um acontecimento de familia, uma data intima, reuniu Maria Eugenia suas amigas, dando isto, sufficientemente, pretexto a uma festa em que só devêra haver riso, alegria, franca cordialidade geral. Observei, então, que minha amiga, ao invés de achar-se feliz, antes mal dissimulava seu descontentamento pelo nosso riso, pelas nossas expressões alegres, impregnadas de sadio humor e satyra picante. O pae de minha amiga, sempre jovial, distrahia um grupo com as suas *charges* que eram recebidas sob applausos.

A intranquillidade de Maria Eugenia augmentava á medida que observava, ansiosa, seu pae. Apertava, martyrizava mesmo, entre seus dedos nervosos, um panninho de mesa. Ia e vinha pela sala, em toda a sua extensão, quasi cambaleante.

Qualquer cousa de estranho, por certo, atormentava-lhe o espirito. Lia-se, perfeitamente, em sua physionomia, uma infinita compaixão, como se os que se divertiam fossem, para ella, simples victimas de um tormento cruel de que se não poderiam livrar. Por fim, meio fóra de si, pediu-lhes:

— Acalmem-se! Por favor! Não se alterem... Tenham tranquillidade!..."

Imagina-se, facilmente, o espanto de todos.

Pensaria ella, talvez, que ingenuas brincadeiras tão proprias de reuniões, terminassem em questões serias, em contrariedades? Não. Eu comprehendi então, sem nada comprehender, que Maria Eugenia os considerava anormaes, e que a angustia que a opprimia era esse subito temor que sentimos junto dos loucos.

Não me foi possivel resistir á curiosidade de saber a razão de tão extraordinario proceder. E perguntei-lhe:

— "Por que te tortura a alegria de outrem?"

Ella fitou-me, como a interrogar-me com os olhos e, ao mesmo tempo, como se houvesse descoberto que eu lhe sabia o profundo segredo, murmurou:

— "Não... não... não é isso... Não é isso..."

E ficou a olhar, sem vêr, os olhos dilatados, como a querer apprehender uma visão longinqua...

Tive mêdo de sua attitude.

II

ALGUM tempo depois, Maria Eugenia casou. Depois, deixei, então, de vêl-a frequentemente. Raro em raro nos visitavamos. Nasceu-lhe um filho. Ao petiz prodigalizava os maiores cuidados. Uma affeição profunda. Um carinho incomparavel. [illegible] fóra do ambiente que antes frequentavamos, dedicada, em absoluto, a uma vida monotona e austera, parecia tranquilla. Era serena, placida, silenciosa.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Chegou, entretanto, o momento horrivel.

III

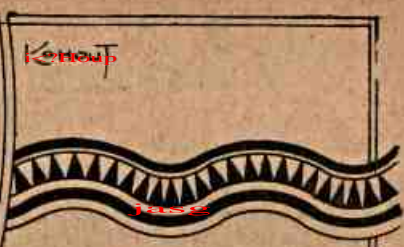
EU estava veraneando em um hotel, nas serras, onde tambem se achava Maria Eugenia.

Tinhamos por costume, todas as tardes, sentarmo-nos em baixo do arvoredo, onde cosiamos, conversando. Ahi ouviamos a voz de seu filhinho, que tinha, agora, quatro annos e brincava com os outros meninos, no parque.

Uma tarde, quente e quieta, cosiamos sob o arvoredo, como sempre, e, como sempre tambem, conversavamos. Havia, em nossa alma, uma especie de lethargo. Ficámos, por algum tempo, numa inconsciente abstracção, olhando, sem poder fixar e comprehender, a traquinada das creanças. Nossos dedos trabalhavam, mas nós estavamos ausentes de nós mesmas.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno ...... 48$000
Semestre .... 25$000
Venda avulsa em todo o Brasil 1$000.
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barroso
Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas: 62, Rua Republica do Perú, 62 (Antiga Assembléa)
Telephones: Director: C. 0377 Administração: C. 4136
Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8-sob. Caixa do correio 1431
Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

# T O R M E N T O

*(Conclusão)*

Em dado momento, minha amiga teve um movimento brusco, e, tersa, permaneceu em suspenso, deixando, assim, de proseguir no trabalho que suas mãos faziam pacientemente.

No jardim se ouvia o riso sonoro de seu filho.

Tive um presentimento de que algo de anormal se passava em Maria Eugenia. Estremecera e estava livida. O menino, ao longe, gargalhava.

— "Por que te magôas assim?" — perguntei á minha amiga.

E, depois de uma pausa:

— Si não chora, ri. Não vês como elle ri? E como está contente!

Ella gritou-lhe, com voz aspera:

— Cala-te! Cala-te!...

E deixando cahir o trabalho que suas mãos nervosas apertavam, correu, como desesperada, até o jardim.

O pequenino ria dos gestos de um outro menino, seu companheiro de travessuras.

Maria Eugenia arrebatou-o do chão, violentamente e, sacudindo-o, dizia:

— Que tens?... Que tens?... Por piedade! Não rias assim...

Então, o menino, espantado, poz-se a chorar. E eu vi, perplexa, que Maria Eugenia ria do chôro de seu filho. Mas, o seu riso, convulsivo, era differente de todos os risos que eu já havia visto. Assumira uma attitude tragica e balbuciava:

— Meu Deus!... Graças!...

Quando mais calma, depois, vendo-me nos olhos o terror que me fazia semelhante indicio de loucura, disse-me, entre lagrimas:

— Tu não comprehendes... Tu não pódes comprehender... E' uma herança, amaldiçoada, terrivel...

— Mas, escuta. Pensa um pouco no que dizes. Estás divagando...

— Tu não sabes; é um segredo que queremos guardar na familia e que não temos querido confessar nunca. Jamais nelle falamos, nem procuramos recordal-o... Já ouviste dizer, acaso, que o riso traz a morte? Assim é, entretanto. Minha avó morreu de rir...

O rosto de Maria Eugenia se havia contrahido numa expressão de angustia e de terror que eu recordava ter surprehendido muitas vezes, quando parecia absorta num passado longinquo. Depois, falou, pausadamente:

— Foi no dia em que completava oitenta annos. Achava-se rodeada de todos os seus filhos e netos; os amigos, os vizinhos, os creados, homenageavam-n'a; ella, pequenina e meiga, desapparecia entre tantas flôres.

"Eu era muito pequena então. Mas não esqueci, não posso esquecer as saudações, o bulicio das conversas, as bandeijas de dôces que os criados offereciam aos convidados...

"No decorrer da festa a velhinha começou a rir perdidamente, e todos disseram:

— "Vejam! Vejam como ri a avózinha!" E, saltando e dançando, rimos tambem com ella, em gargalhadas alegres, estrepitosas. Até as pessôas mais austeras foram contagiadas pelo riso ingenuo, claro, modulado, da velhinha, cujas faces deixavam apparecer uma infinidade de pequenas rugas ao redor dos olhos brilhantes e aos cantos da bocca sem dentes.

Mas, veio um momento, não sei como foi, em que algo singular, uma especie de mal-estar, conturbou o ambiente e os risos morreram nas gargantas de todos nós, que nos olhavamos fixamente, perguntavamos uns aos outros:

— "Por que ri a avózinha? Que tem a avózinha?"

"Um silencio impressionante passou, então, naquelle ambiente festivo, estremecido, apenas, pelo riso interminavel da pobre anciã. Todos, filhos, netos, convidados e criados se aproximaram de minha avó. Seus filhos já a tinham em seus braços...

— "Que tem a avózinha? Por que ri a avózinha?"

Alguns choravam.

— "Que venha um medico, depressa! Vão buscar um medico!...

"Dos olhos da octogenaria o riso fazia brotar as lagrimas... O rictus de dôr de sua bocca distendida pelo riso dava uma impressão horrivel de espanto.

"Eu, manietada, hirta, sem atinar com um movimento, fixava meus olhos, que pareciam saltar das orbitas, no rosto transfigurado de minha avózinha, minha pobre avózinha, e a sua gargalhada clara, ingenua e estranhamente tragica, em meio ao desespero e ao pranto dos que a cercavam, como que vinha perder-se em meu coração, numa resonancia afflictiva, dolorosa...

"Guardo ainda, no fundo de meus olhos, todo o horror desse instante inenarravel! Vejo, perfeitamente, os medicos, impotentes, procurando estancar o riso que sahia aos borbotões dos labios da anciã. Depois, um sacerdote... E a avózinha ria, continuava a rir... Seus pobres olhos já não viam... Suas mãos, cahidas, já estavam inertes... E seu corpo todo, a pouco e pouco, se foi enrigecendo... enrigecendo... E o riso, aquelle fatal riso que ainda me sôa aos ouvidos, se foi tornando mais fraco e, por fim, silenciou...

Morreu. Nosso espirito sentiu, então, uma indizivel sensação de allivio e de paz..."

M. DE S.

---

# :: TORTURA ::

A Arte está em mim, tão viva, tão latente, que a sinto palpitar e se estorcer, em vão, na ansia infinda de se manifestar.

Imperiosa ordena:

— Anda! Transforma o que te vae na alma.

Não vês o lindo pôr-do-sól que em teus olhos se expõe?

Imita-o. Tens a palheta, a tela, as tintas...

Coragem! Não deixes que se esmaeça o lindo modelo, nas trevas da noite.

E em vão busco fixar tudo que vejo: O sol radiante, a dourar as areias e a terra e pouco a pouco incendiar o céo.

E em vão, bem sei, pois são borrões disformes que sobre a tela eu faço. Meus dedos são pobres escravos que não sabem obedecer!

A Divina Mestra então me consola:

— Busca outra modalidade do meu ser e nella te expande. Sê musico e transforma, os sons maviosos que os passaros emittem em bellas serenatas.

Imita o sussurro do riacho que geme e o som da brisa que debilmente passa...

E' em vão! A musica transformo em sons estridulos!

Da argila, procuro, em ansia incontida, fazer o homem na sua imagem e semelhança.

Depois, reunindo-as todas — Musica, Pintura, Esculptura e Harmonia — faço-me Poeta!

Mas é em vão, em vão! A Arte está em mim.

Eu a sinto palpitar e rugir, qual fera enjaulada, emquanto me consumo nessa immensa tortura:

— Ser Artista e não poder dar fórma á minha inspiração.

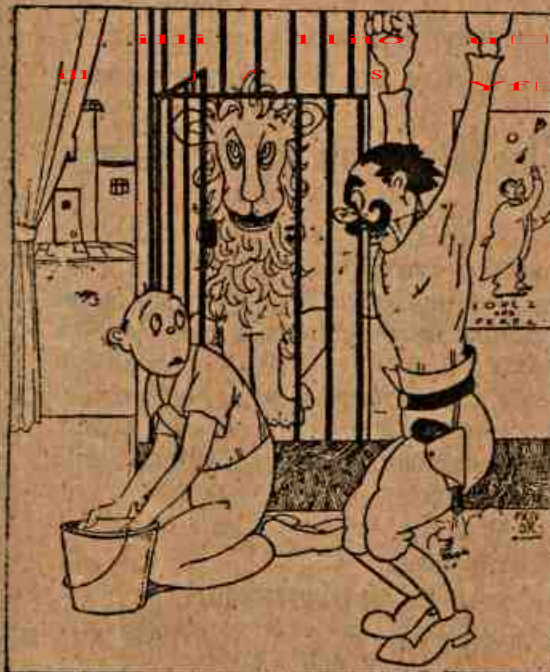
YÁRA DO RIO

# ESPIRITO ALHEIO

*O marido.* — Não te affliijas, querida. Assim não teremos que dar gorgeta ao remador...

Si os automoveis continuarem a diminuir, poder-se-á chegar a este resultado!

*A MODA*

O traje de banho da filhinha já serve para a mamã...

*Ella:* — Já dedicaste algum livro a tua esposa?
*Elle:* — Sim; um.
*Ella:* — Qual?
*Elle:* — O de cheques...

— Mas, homem, outra vez deixaste aberta a jaula do leão!... Qualquer dia destes nol-o roubam tranquillamente!...

*A visita.* — Vejo que tens uma nova criada.
*A dona da casa.* — Hoje em dia, todas as criadas são novas, querida.

# O Cura de Lanslevillard

## DE HENRY BORDEAUX — *Da Academia Franceza*

EU não sei se já aconteceu a muita gente jantar com um homem salvo de assassinato e ser servido pelo assassino. Semelhante aventura succedeu-me em casa de um cura, e não me faço de rogado para narrar o facto authentico, com *todos os detalhes*, como dizem os jornaes. Todos os detalhes que conheço, pelo menos, porque muitos não me foram transmittidos.

* * *

Foi na residencia do cura de Lanslevillard-en-Maurienne, que cahi de imprevisto, por uma tarde de máo tempo.

Eu entrava na Saboia de uma excursão na vertente italiana dos Alpes. Deixei a velha cidadezinha de Suse, ornada ainda de antiguidades romanas, para ir dormir na vespera na Casa d'Asti, pessimo refugio empoleirado a nove mil pés mais ou menos. Dahi, terminei a asencenção da Roche-Melon com 3.548 metros de altura, e que não offerece serias difficuldades. Construiu-se mesmo nella um trecho de capella. E' verdade que a pedra não falta. E vão lá ter as peregrinações em 5 de agosto. Mas é preciso que os peregrinos sejam robustos e de bom folego. E' uma devoção muito antiga que data do seculo XIV; um tal Bonifacio Rosario, sobre quem não posso dar nenhuma informação, foi o primeiro a galgar a montanha para cumprir uma promessa.

O cimo é italiano, mas logo depois da geleira está a França.

Parece que a vista de Roche-Melon, ou do lado da Italia, ou da Saboia, é muito extensa e muito bonita, por causa das montanhas de gelo e dos valles que se descobrem e que ficam em lados oppostos.

Não vi senão nuvens arrastadas pelo vento, e de intervallo em intervallo, algum palmo de rochedo. Uma nuvemzinha fina começou a picar-me o rosto. Apressei-me sobre Bessans-de-Maurienne pelas queijarias de Giaffa e de Pierre-Grosse. Bessans pertence aos Clapier. Mas o nome de Clapier só é conhecido dos turistas que se aventuram por esse canto do paiz e pelos officiaes dos batalhões alpinos que vão em reconhecimento da fronteira com seus homens. Os Clapier eram uma familia de artistas que esculpiam em madeira e pintavam a fresco. D'Avrieux a Bonneval, tinham decorado bom numero de egrejas erguidas pelos valles. As imagens do altar de Bessans, as pinturas muraes da capella de *Saint-Antoine* e de *Notre-Dame des Neiges* eram sobretudo interessantes. E sel-o-iam ainda se pudessemos datal-as de um seculo antes, porque os Clapier são primitivos atrazados.

E' preciso levar-se em conta, porém, o abrigo de montanhas que os separava do resto do mundo. Não soffreram nenhuma influencia, nem da Italia, nem da França; deram livre curso a sua ingenuidade rustica, sem serem auxiliados nem embaraçados por informações de especie alguma.

Entretanto esta parte da Maurienne era mais frequentada

outr'ora do que hoje. Antes da estrada de ferro e abertura do tunnel, ia-se á Italia pelo caminho do monte Cenis, construido sob Napoleão, caminho que sóbe pelo valle até Lansleborg, donde segue em direcção ao desfiladeiro. Antes da estrada, passava-se por toda a especie de atalhos através dos Alpes; havia as gargantas do grande e do pequeno monte Cenis, a de Clapier, bastante má, onde as ultimas obras dos historiadores fixam a passagem de Annibal, porque é o unico a corresponder á descripção de Polybio, que fez a viagem antes de escrever, e muitos outros ainda, mais ou menos accessiveis. Os automoveis, agora, dão novamente vida á estrada, e todos os ascensionistas, que a Suissa muito confortavel desespera, começam a ser attrahidos pelo massiço que separa Maurienne de Tarentaise, e pelo de Levanna, onde nasce o Arco, o rio do valle, um rio irritavel e quasi sempre transbordante.

Avido de uma bôa pousada, não me detive em Bessans, que é pittoresca mas pouco limpa. Uma charrette, descendo para Lanslebourg, recolheu-me de passagem. Ahi, eu tinha certeza de encontrar um bom hotel, e podia tomar no dia seguinte de manhã, logo ao romper do dia, a diligencia para Modane.

Mas em Lanslevillard, a duas leguas apenas de Lanslebourg, o tempo tornou-se tão máo que o animal que nos levava, deteve-se de repente. Era impossivel proseguir-se por causa de um vento dos diabos e das borrascas de neve e de chuva misturadas, tanto mais que a noite já se annunciava. Nos fins de agosto, ella tomba inesperadamente, e muito mais cêdo quando se está de viagem.

O unico e pessimo albergue de Lanslevillard estava fechado por morte do dono. Um cartaz escripto á mão e pregado na porta avisava ao viajante a sua pouca sorte. Fôra preciso conduzir o corpo do proprietario a Bonneval, seu paiz. Que fazer? Continuar para Lanslebourg? Afinal de contas, não é grande a distancia. Mas é sempre sob uma tempestade, e eu estava transido de frio. Minha estadia na *charrette* tinha acabado de gelar-me.

Ha sempre um recurso nas más aldeias: o cura. Quantos curas, na montanha, têm desempenhado o papel do bom Samaritano! Elles não fecham muitas vezes a sua porta, e acolhem sem desconfiança o turista fatigado. Na Saboia, são, quasi sempre, hospitaleiros. Alegres ou resmungões, offerecem seu leito e um logar á mesa aos que chegam, e não aborrecem mesmo a companhia. A nobreza de todos elles, grande nessa Maurienne, são absolutamente senhores em suas casas. As creadas se encarregam do policiamento. Si o senhor cura está ausente, cuidado com o alpinista em perigo! Examinam-n'o, medem-n'o dos pés á cabeça, apalpam-n'o com o olhar, e este exame lhes é raramente favoravel. Que chapéo é este de feltro informe, este trajo amarrotado, estes sapatos cujos pregos ameaçam como dentes de javali, tudo isto que traz comsigo?

Contrabandistas tambem atravessam a montanha para ir desfalcar de taxas a corôa. E sabe-se que esta especie de gente se allia aos salteadores e operarios. "Siga o seu caminho; procure abrigo em outro logar qualquer, e, em toda parte, a palha dos celleiros não é sufficiente para você?

Quando o senhor cura está, percebe-se logo pelas olhadelas que lançam da porta para o interior do presbyterio. Tomam muitos cuidados ainda, mas com menos arrogancia e tranquillidade. E' preciso então fazer-se grande ruido e insistir muito para que uma porta se abra e uma voz pergunte:

—"Quem bate, Marietta, Fanchette ou Jeannette?"

Está salvo, então, o viajor! Entra e apresenta-se.

"Seja bemvindo, meu amigo!"

Taes palavras quando se está ensopado, esfomeado e na incerteza de uma pousada, fazem o effeito de um labareda de sarmentos numa chaminé: illuminação e calor.

Eu não deixava de sentir uma certa inquietação quando bati no curato de Lanslevillard. Imaginava já uma criada barbuda e rabujenta, alta como um couraceiro. Affligia-me tanto mais esta espectativa quanto sentia, mesmo antes de annunciar-me, um perfume de bôa sôpa saboiana, dessas sopas semelhantes á *minestra* italiana onde se encontra de tudo, legumes, arroz, massas e até azeitonas. Depois de bem cosidas ao fogo brando, coagulam formando uma substancia compacta.

A criada que me abriu a porta do curato de Lanslevillard era um homem. Um homem de má cara, imberbe, magro, com as maçãs do rosto salientes, a pelle amarella e olhos agoniados. Entreabriu a porta e ter-me-ia batido com ella ao rosto, si eu não tivesse tomado a precaução de introduzir meu *piolet* na abertura.

— Desejo falar ao senhor cura.

— Não está.

— Peço-lhe desculpas; mas escuto-o falar.

Com effeito, um ruido de vozes chegava-me de um compartimento vizinho.

— Está com o senhor arcebispo.

Falei bem alto:

— Diga-lhe que peço para vêl-o.

Ia nisso o jantar e o leito; era preciso, custasse o que custasse, pedir soccorro, attrahir a attenção. Consegui, e vi chegar uma sotaina com as palavras libertadoras:

— Quem é?

Mas em logar de Jeannette, Fanchette ou Mariette, foi:

"...Antonio!"

Antonio, vencido, afastou-se e deixou-me cara a cara com o amo a quem expliquei o meu caso, solicitando, o mais gentilmente possivel, hospitalidade, e desculpando-me.

— Com semelhante tempo, creio bem! — exclamou.

Depois ajuntou piscando os olhos:

— O senhor, o senhor é um espertalhão...

— Mas absolutamente, senhor cura, asseguro-lhe...

— Sim, sim, é um espertalhão. Mas entre depressa. E' preciso seccar-se ou mudar de roupa talvez. Venha beber um copo de vinho antes do jantar.

E o senhor cura levou-me para uma sala-gabinete de trabalho onde encontrei outro ecclesiastico a quem me apresentou:

— Eis aqui, senhor arcebispo, um turista que passou por Roche-Melon. E' um espertalhão.

Deteve-se ahi. Afinal, explicou-se:

— Adivinhou que eu tinha esta tarde a honra de hospedal-o, e que o senhor é guloso...

— Oh! essa é bôa! — protestou o arcebispo, não nos é prohibido gostar do que é bom, desde que não abusemos.

Mas conveio com o peccado.

Mas confesso que o seu Antonio é incomparavel no preparo da sôpa e tambem no arroz á piemonteza.

— Justamente; comeremos deste esta tarde com cogumelos, colhidos por mim, cogumelos frescos como o orvalho.

— Perfeitamente! perfeitamente! nós nos regalaremos, — exclamou o arcebispo.

Durante este colloquio, olhei alternativamente para os dois padres. O meu, o de Lanslevillard, trazia á cabeça um pequeno barrete prato que lhe escondia todo o craneo, tinha um grande nariz com narinas intumecidas como velas enfunadas e sob as quaes podia-se notar vestigios de tabaco, mas no rosto largo, moreno e envelhecido, rosto de lucta e de miseria, a bondade occupava maior logar que o appendice; estendia-se pelas faces, ou antes, pelo cavado das faces, pela bocca, pelos olhos, mão grado pequenos clarões de malicia; emfim eu a lia em toda a sua pessôa. Eu cahira em bom logar, como se vê, apezar do cerbero da porta. E era o principal.

O confrade de meu hospedeiro, em summa, preoccupando-me muito menos, recebeu um olhar mais negligente. Trazia uma sotaina menos surrada, um ar mais feliz, e era mais nutrido, com longos cabellos bem lustrosos, uma bella maneira de trazer a cabeça, alguma cousa de solenne, mas de muito distincto.

Adivinhava-se nelle o homem superior e quem sabe? o futuro prelado, porque unia a autoridade a esta benevolencia que lhe havia permittido prestar-se ao gracejo sobre o seu fraco nos limites da familiaridade.

— Antonio, vae buscar-nos uma bôa garrafa de vinho branco. E' o melhor apperitivo.

Antonio não se apressou em obedecer, e mesmo observava-me com uma taciturna hostilidade.

— Depois farás a cama no quarto pequeno. Voltando-se para mim, o senhor cura ajuntou:

— Se ganhou nas iguarias, perdeu no quarto. O senhor arcebispo, como é justo, occupa os aposentos de monsenhor. Não tenho senão uma especie de armario grande a offerecer-lhe... mas um leito, é um leito.

— Sinto-me muito feliz...

— Então, ponhamo-nos á mesa. Antonio não se mexeu.

— Olá, não escutas?

O criado fez ouvir como unica resposta um rosnar de cão enraivecido. Deplorava, decididamente, a cordialidade do amo. Este, vendo que não tinha sido obedecido, olhou fixamente Antonio, em seguida, levantando o barrete, apalpou o craneo. Immediatamente Antonio desappareceu. Reappareceu sem demora com um prato. Eu não sabia a que attribuir uma mudança tão rapida. Em que o gesto de coçar a cabeça póde induzir um creado recalcitrante á submissão?

O vinho de Saint-Jean-de-la-Porte que bebi, um pouco espumante e bastante forte, não me permittiu aprofundar o mysterio. Aqueceu-me a abobada palatina, as faces e todo o corpo depois. E' bem necessario para a descida da montanha. A mesa acabou de reconfortar-me. Entre os dois sacerdotes, embuçado numa pélerine que meu hospedeiro quiz á toda força collocar-me sobre aos hombros, eu tinha o aspecto de um vigario mal barbeado. O senhor arcebispo tinha tido razão em louvar os talentos culinarios de Antonio: a sôpa unctuosa como *purée*, misturava sabores de legumes diversos numa intelligente combinação, e quanto ao arroz á piemonteza, coberto inteiramente de cogumelos aromaticos uns, e esponjosos outros, mas de um gosto delicioso, desse arroz bem cosido e solto, de que não se tem nenhuma idéa em Paris onde servem, sob esse nome, uma especie de gomma ou emplastro viscoso, eram de regalar. Repeti tres vezes, menos uma vez que o senhor arcebispo.

Como levantasse eu para o autor de tal prato um olhar humido de reconhecimento, Antonio lançou-me uma olhadela cheia de odio, que deteve o meu arrojo, e passei por afflicções para obter uma terceira porção. Foi preciso que o amo interviesse, e cousa surprehendente! da maneira bizarra que eu já notára, isto é, apalpando o occiput.

Que exquisita maneira de dar ordens! Experimentei empregal-a por minha vez para obter vinho; mostrei alternativamente o copo vasio e a cabeça, mas sem resultado. O cura de Lanslevillard tinha neste gesto uma secreta autoridade.

*(Continúa no proximo numero)*

## Concurso Sabonete EUCALOL

*(Menção Honrosa)*

*O "Sabonete* **EUCALOL**"
*E' de todos o primeiro;*
*Perfumado, salutar,*
*E custa pouco dinheiro.*

CARMEN CHARLES.

COLLEGIO B. AMERICANO — NOVA FRIBURGO.

COLLABORAÇÃO

# CENTO POR CENTO...

Havia na cidade de Ponta Grossa, no Estado do Paraná, um commendador chamado Jacob Bina.

De simples aprendiz, tornou-se, decorridos alguns annos, o unico proprietario de uma fabrica de parafusos. Se bem que pouco intelligente, possuia um grande tino commercial.

Chamavam-n'o de — Commendador Parafuso.

Longe porém de zangar-se, até se ufanava com a alcunha.

Muito ganancioso, procurava fazer negocios que lhe rendiam cento por cento. Barbou cêdo. Aos vinte annos, já era possuidor de um bello cavainhac, que trazia sempre muito bem cuidado.

E, a despeito dos garotos da rua cantarem a sua passagem:

"Viva quem tem bigode!

Quem tem cavainhac é bóde!" raspava o bigode e conservava o cavainhac que era todo o seu enlevo.

Se a cara ficava mais feia com a suppressão do bigode, em compensação podia gabar-se de possuir o mais attrahente cavainhac de Ponta Grossa.

Ainda rapaz e aprendiz, achava-se, certa vez, sentado num logar ermo, quando se lhe aproximou um seu primo de compleição robusta e musculatura de ferro, que costumava troçal-o, e disse-lhe:

— Jacob, que cavainhac bonito tem você!

— Acha?

— Acho sim.

E mudando de tom:

Se deixar que eu pegue dou-lhe 10$000.

— Você fala serio?

— Pois não. Está aqui o dinheiro. E passou-lhe os 10$000.

Jacob Bina guarda o dinheiro; após inclina a cabeça para traz e diz ao outro:

— Póde pegar.

O primo, então, agarra e puxa com toda a força o cavainhac do infeliz, como se o quizesse arrancar.

— Larga! grita o Jacob, agarrando-se nos braços do primo.

— Não largo!

— Larga, que me arrancas o cavainhac!...

— Só largo se me deres 20$000.

Dessa vez o negocio rendeu cento por cento... para o outro.

LEOPOLDO D. AMARAL

# A LOUCA

Sentada no marmore da escada da Matriz, ella — a louca da cabeça branca — rindo da sua propria infelicidade, extendia a mão implorando o apoio da caridade publica.

As vestes esfarrapadas, os cabellos emmaranhados, os pés descalços. No seu olhar, verde como a esperança, ha, nos momentos de lucidez, uma expressão de mysterio, de angustia, de medo.

Primeiramente contemplando-a, depois sorrindo-lhe e finalmente falando-lhe, aquelles que frequentavam a egreja conseguiram saber da sua triste vida.

•

Dantes era bonita, alegre e feliz, porque era amada.

Um dia, veio a guerra, e elle, o seu idolo, a sua esperança, o seu sonho de toda a vida de moça tambem foi obrigado a partir.

Entre lagrimas e lamentos, despediram-se naquella manhã doirada em que os rouxinoes cantaram tristes, e as pombas não arrulharam, e as rosas desabrocharam, como a chorar a dolorosa despedida do Amor.

Era o funebre presagio da natureza...

A guerra acabou, e os soldados alegres e victoriosos, entraram pela cidade cantando a marcha triumphal.

Emquanto essa apotheóse da gloria extendia-se pelas ruas da cidade, e emquanto se ouviam, a cada canto e em cada lar, maravilhosas manifestações de prazer, uma mulher tresloucada agarrava-se aos soldados implorando-lhes noticias daquelle que havia esperado confiante da sua gloria e do seu amor.

Era a triste determinação do mysterioso destino...

•

Tanta magua, tanta dor, tanto sonho desfeito!

E, naquella esperançosa mocidade de sonhos, entrou uma sombra maligna que a conduziu ás trevas da desillusão.

Era a loucura...

•

Hoje, ri da sua propria infelicidade.

O. A. DE SOUSA.

# Energia!

**VIGOR! CLAREZA! VOLUME!**

Quando V. S. toca um disco Columbia, fabricado pelo novo processo, todos os differentes tons da voz e dos instrumentos, desde os mais fracos até os mais fortes, desde as notas de um violino até as de um orgão, são reproduzidos com a maxima fidelidade — «COMO A PROPRIA VIDA». —

Toda e qualquer musica que mereça o nome acha-se gravada e consta do repertorio COLUMBIA. São os unicos discos que não produzem chiado.

# Discos Columbia

**VIVA-TONAL**

Á VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO RAMO

**Columbia Phonograph Company Inc. New York**

Distribuidores Geraes

**BYINGTON & Co.**

R. General Camara, 65

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO, SANTOS, CURITYBA, PORTO ALEGRE, RIO GRANDE, RECIFE.

*Você é injusto! Está de máo humor, porque estou doente! Como si eu tivesse a culpa!*

Não importa saber si é ou não injustiça. É a realidade: os maridos se contrariam quando as esposas adoecem! São, portanto, máos enfermeiros, achando, quasi sempre que as esposas foram imprudentes!

E quantas vezes elles têm razão! Quantas doenças as Senhoras podem evitar ou combater aos primeiros symptomas, bastando, para isso, a prudencia de terem em casa

# A SAUDE DA MULHER

o grande medicamento que evita e combate todas as Molestias do Utero e dos Ovarios como Flôres-Brancas, Colicas Uterinas, Falta de Regras, Regras Demasiadas.

ANNO XXIII

# FON-FON

NUMERO 14

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 6 de Abril de 1929.

## Terras do Mar Azul

João do Norte

A Maioria viaja com o corpo. Alguns viajam com a alma. E, entre esses, raros viajam com muita alma.

E' este o caso de Delfina Bunge de Gálvez, uma das mais notaveis escriptoras da Argentina de hoje. Esposa do illustre romancista Manuel Gálvez, o seu claro espirito passeia por entre as velhas civilizações e as paisagens das terras exóticas, emocionando-se ante a belleza e murmurando preces, de joelhos, em presença das velhas pedras cinzeladas que tráem um augusto ou divino passado. E, no seu livro encantador, *Terras do Mar Azul*, a gente aprende a amar os aspectos pinturescos das gentes e das coisas, e a amar ainda mais as reliquias de outros tempos e de outras crenças.

A prosadora insigne peregrinou pelo Mediterraneo, essa pia baptismal da civilização, como o appellidou um dos nossos escriptores, os olhos muito abertos, maravilhados deante das architecturas dos homens e da natureza, o coração ainda mais aberto do que os olhos ás sensações da arte, da historia e da lenda. Que delicioso prazer espiritual seguir esse cicerone encantador, que não nos afoga sob o peso duma erudição indigesta, que não alinha os algarismos banaes de uma data e que não nos faz esperar á porta dum templo como um drogman palrador. Ella focaliza rapidamente as visões e os typos. Em tres pinceladas traça uma scenographia deslumbrante. E nella faz destacar a figura que deseja como um raio de sol que vara o céo plumbeo, as neblinas grisalhas e dá de cheio na torre duma egreja, no vulto dum navio ou na fachada dum monumento.

Que admiravel poder de synthese tem essa artista no seu estylo leve e brilhante! Com que alma essa mulher sabe viajar.

Ella nos leva a Tanger com seu populacho multicôr e sujo, com suas ruellas torcicollosas e angustas, com os seus mercadores tranquillos e os seus esfarrapados encantadores de serpentes. Conduz-nos a Mayorca, essa antiga joia da corôa de Aragão boiando sobre o mar Tyrrheno, vetusta terra dos famosos fundibularios baleares, cuja cathedral se ergue como uma rainha soberba na ineffavel suavidade do azul que doira a ilha feiticeira. Mostra-nos a banalidade da Costa Azul, que o turista apressado e o jogador febril já despojaram de sua alma, terra de falso luxo, de traficancia continua e duma natureza quasi artificial. Faz-nos visitar a realidade de Genova, com seu panorama senhorial e seu cemiterio, tão bello que diminue o horror da morte. Guia-nos a Tunis, onde se agitam residuos de humanidades, judeus gananciosos e sórdidos, negros agitados e suarentos, arabes ociosos e tranquillos... Em Tripoli, entramos com ella nas mesquitas solitarias e tristes, e na miseria sem poesia dos bairros miseraveis. Vemos a ternura da terra napolitana beijada pelas aguas azues e a riqueza de evocações dos museus e das ruinas, o Templo de Serapis, o Sudatorium de Nero e os restos de Pompeia. Andamos pela Sicilia sobre que passaram todas as civilizações da bacia mediterranea — pelasgos, phenicios, gregos, carthaginêses, romanos, godos, sarracenos, germanos, francos, normandos, angevinos, aragonêses, com as suggestões dolentes de Taormina e uma belleza triste que enche os olhos, sob um céo "que es otro mar azul". A Acropole arranca expressões commovidas do seu christianismo em face da belleza perfeita e da harmonia insuperavel. Vivemos em sua companhia deliciosamente as horas doces e cálidas do Egypto — nos hoteis europeus cheios de luzes, de decotes, de inglêses e de conforto, nas mesquitas decorativas e silenciosas, nas ruas onde a policia usa xicotes, nos museus em que a mumia de Ramsés II ostenta o seu perfil de conquistador e a de Tutankhamon sorri infantilmente, ao pé das pyramides que atalaiam o deserto, junto á Esphynge envolta no canto monótono dos fellahs que a desenterram, e á vista das areias immensas, em cujos horizontes longinquos, ensanguentados pelo crepusculo, se recortam as negras silhuetas das ralas palmeiras dos oasis ou as gibas das lentas cáfilas de dromedarios. Em Constantinopla, ella evoca a Byzancio catholica de Constantino, a doirada capital dos basileis orthodoxos ou iconoclastas, Juliano e Theodora, ajoelhando-se na nave immensa de Santa Sophia. E, em Jerusalem, anda de joelhos por toda a cidade sagrada e decrepita, acceitando com uncção todas as lendas, não criticando, mas adorando. Existe na sua religiosidade uma profundez e uma grandeza que attráem. Parece que ha dentro da escriptora uma Jerusalem espiritual maior do que a Jerusalem real, poeirenta e pobre, e que para ella os seus olhos se voltam e a contemplam, embevecidos, cuidando contemplar a outra... E a peregrinação termina na "harmonia inalteravel de Roma".

O portico do livro, o que ella vio antes de se dirigir ás terras do mar azul e que lhe mereceu algumas paginas, foi o Rio de Janeiro. Assim, abre o capitulo do Brasil, falando da Guanabara: "Espectaculo magnifico y completo. La parte divina y la humana. Mar y tiera. Playas y montañas. Edificios y vegetación. Todo rivaliza aqui en esplendor: mar, piedras, cascadas, bosques... Todo a la vez. Todo sobresale. Todo es extraordinario: mar, piedras, bosques o montañas...". Poucas vezes tenho lido mais bella descripção da paisagem carioca do que a desse formoso livro. Nella, brilham o rythmo e a harmonia equatorial dos aspectos grandiosos e batidos de sol. Mas as inquietas formas dos montes e a excessiva pujança da vegetação fatigam o espirito subtil da viajante, que ama o repouso dos scenarios sócegados e azúes do velho Mediterraneo.

*Tierras del mar azul* põe a senhora de Gálvez na primeira linha das modernas escriptoras de lingua espanhola, pelos encantos do estylo e pela subtil originalidade dos conceitos.

**FOI uma linda festa o «garden party» patrocinado pelo sr. presidente da Republica e o sr. Bernardo Attolico, embaixador da Italia. Realizou-se no parque da embaixada italiana, em Petropolis, e nella tomaram parte as figuras de escol, notadamente senhoritas da nossa alta sociedade. Ahi estão varios flagrantes desse festival encantador, em beneficio das obras da cathedral da cidade das hortensias.**

### A MORTE DO SONETO

A decadencia do soneto é um facto, na poesia. Elle perdeu a sua majestade, cedendo logar ao verso livre, quasi extravagante, tão do sabor da gente moderna.

Tinha de ser. Na época do automovel, da velocidade, de tudo que é loucura, o poeta de cabelleira farta, attitudes tragicas, tinha de desapparecer.

E, de certo modo, ficaram as Dulcinéas livres de uns tremendos cacetes, pois paixão sem sonetos não era paixão, nem poeta era aquelle que não sabia alinhar duas quadras e dois tercetos, rotulados de alexandrinos...

Nós ainda apanhámos uns restos da usança, vendo alguns cavalheiros agarrados ao espaldar de cadeiras em

**NO** «garden party» que se realizou no ultimo domingo, em Petropolis, foi cumprido um programma cheio de seducção e de encanto. Além do chá, servido por gentilissimas «demoiselles», houve ainda vários numeros originaes, todos elles de fina arte. Basta ver os lindos sorrisos que illuminaram esse elegante festival, para se ter uma idéa do seu brilho e da sua animação.

meio da sala, dizendo coisas de olhos espetados no ceu, ao som da Dalila, que tambem morreu de velha, coitada!

Um espectaculo que tanto tinha de tragico quanto de comico...

Mas, o soneto passou, desapparecendo com elle as creaturas de melenas que se ufanavam de saber recitar.

Em compensação, hoje temos declamadoras que enfiam pelos nossos ouvidos umas coisas sem pé nem cabeça, a titulo de versos. Cocainas dos apressados dias que vivemos, fórmas degeneradas da poesia que só os seus fabricantes entendem.

Não mais é possivel ouvir estrellas... nem topar um divino Bilac, no nosso caminho.

*ESTA' CHEGANDO A HORA...*

Ao que dizem, a sorte da Republica está para ser decidida entre dois vastos banquetes.

E', como se vae vêr, uma questão apenas de talheres, ou melhor, de comidas...

Ou a gente se empanturra com o tútú de feijão á mineira, ou cáe no picadinho paulista...

Prefiro o segundo, pois o primeiro é sempre acompanhado de *torresmo*, producto indigesto, e que não sabe ao meu paladar.

Uma questão de estomago tão sómente, pois, infelizmente, não sou como o avestruz, que engole tudo, até pedras...

Desta minha preferencia não resulta, entretanto, nenhum mal ao paiz, porque, certamente, não serei convidado para este ou aquelle agape, nem estou na dolorosa contigencia de certas raposas matreiras da politica, que procuraram meios e modos de sentar-se ás duas mesas.

Sou uma creatura candidamente ingenua, mas gozo da suprema venira das minhas attitudes até mesmo deante de um prato de *torresmos*...

Vamos, então, apreciar dois vastissimos banquetes, oradores enthusiastas, agradecimentos estylo soda caustica...

Depois, a imprensa encarregar-se-á do resto... que é como quem diz de armar o barulho.

Já fiz o meu cigarrinho de palha *p'ra meditá*, tirando uma fumaça...

Dois banquetes!

Esta historia está [illegible] nada!

No banquete da Republica só ha logar para uma pessoa, á cabeceira da mesa.

Por isso, mais vale comer, do que ter a sensação de que foi comido...

MARION.

GALANTES silhuetas de Petropolis que emprestaram o concurso da sua intelligencia e da sua graça ao «garden-party» que domingo movimentou festivamente os jardins da real embaixada da Italia, na cidade das hortensias.

*REVERBEROS*

Yvonne Freitas... a mais bella de São Paulo: "Miss São Paulo".

Lá estava ella, radiante e sorridente, na sua frisa do Odeon, orgulhosa daquelles olhares de infinita curiosidade e admiração, envolvendo a sua esplendorosa mocidade.

Quantos, como eu, para lá foram, aquelle dia, com o fim só de fitar por um minuto, timidamente, a rainha da graça e da belleza!

E' a mais bella!

Mas Elza Amor...

Elza Amor foi um dia ao Roulien. Escondeu-se, timidamente, numa pallida poltrona, querendo ouvir, sem ser incommodo dos olhares dos outros, a "Chiquita", que o afortunado actor popularizára em S. Paulo. Mas os olhos do theatro inteiro convergiram para a pallida poltrona, cheios tambem de infinita admiração e curiosidade pela sua radiosa juventude...

Nossos olhos se encontraram, sem eu saber de quem eram os olhos della, olhos grandes, negros, mysteriosos, cheios duma estranha luz. Exclamei: que linda!

Foi então que me contaram que era Elza Amor. Tão bella como a mais bella...

# E vanidade...

## MULHER — PONTO DE INTERROGAÇÃO

— *Oh! não imagina como tinha desejo de conhecel-o, pessoalmente.*

— *Nesse caso, o prazer é todo meu, madame.*

— *Diga: nosso. Nosso... Francamente, ansiava por essa occasião. Ella chegou hoje. E estava escripto que havia de ser num baile de sabbado da Alleluia. Estava nas Escripturas...*

— *Antes assim. Alleluia, — alegria.*

*Alegria, pela resurreição do Mestre, alegria...*

— *Por este momento feliz...*

— *Sim, feliz, madame. Bem feliz.*

*O "jazz" calou-se. Parámos no meio do salão, emquanto os outros pares batiam palmas vibrantemente, pedindo bis. Ella, muito loura, com os seus cabellos lisos, côr de ouro, franjados na testa ampla, de epiderme côr de pecego maduro, me fixou os seus bellos olhos claros, de um azul do-ce e desmaiado. A sua voz tinha uma tonalidade langue, que si pudesse ser representada, coloridamente, seria de um lilaz desbotado.*

*O "jazz" explodiu de novo: Um fox trepidante. Ella, nos meus braços, ia como uma pluma, aquella pluma da aria do Rigoletto:*

*La donna é mobile*
*Qual piuma al ven-*
*[to...*

— *Diga, madame, por que essa curiosidade?*

— *Em conhecel-o? Pessoalmente?*

— *Sim...*

— *E' natural. Sou uma antiga leitora. De resto, todas nós fazemos de cada autor predilecto um ser imaginario, uma creatura ideal, um personagem de novella... Como direi? Não me sei expressar...*

— *"Un prince charmant", — insinuei.*

— *Oh, sim... "Un prince charmant"...*

— *E, no emtanto, que decepção, muitas vezes!... Como agora, não?*

— *Não... — disse, com uma voz sem energia. Sem convicção. Já distrahida, olhando os pares que tremilicavam, na sala clara, no gozo do amplexo ephemero da contra-dança.*

— *Não?*

— *Asseguro-lhe que não — falou, agora, attentando mais no que dizia. Encontrei-o tal qual o imaginava.*

— *Um Quasimodo?*

— *Um homem de espirito, mas sem a mordacidade irritante, de que estão impregnados os seus escriptos. Franqueza, surprehendeu-me vel-o um X... tão differente daquelle que leio sempre, procurando sondar-lhe a alma...*

*Disse sorrindo:*

— *Buffon errou. O Buffon citado por tudo quanto é "garçon" de café. O estylo não é o homem.*

— *De accordo. O estylo nem sempre é o homem. Um differe do outro, como as linhas das nossas mãos. Apparentemente, são semelhantes. Mas quando se observam, umas e outras, com attenção...*

— *Vê-se que a differença é flagrante.*

*Sentámo-nos. Agora é um tango lento, que a voz do "jazz" vae cantando no salão esmaltado de luzes, e engolphado em flores alegres. Um cavalheiro inconveniente vem pedir-lhe a honra... Ella, gentilmente, lhe apresenta desculpas. O cavalheiro se vae. Felizmente. E ambos proseguimos no encanto embalador daquella "causerie."*

*Madame teve esta phrase:*

— *O senhor é differente de si mesmo...*

— *Não a entendo! Paradoxo?*

— *Eu o suppuz um ironista terrivel. E não o é!... E' muito simples. Quasi timido...*

— *Acertou.*

— *E' retrahido... E por que é, assim, triste? Sente-se que se esforça para combater essa melancolia, que é talvez o traço caracteristico da sua alma.*

— *Não sou triste, madame; sou, infelizmente,*

BELLEZA PARANAENSE

MLLE. Nieta Navarro, typo de belleza paranaense e elemento da alta sociedade de Curityba. Na votação para a escolha de «Miss Paraná», mlle. Navarro recebeu grande numero de votos, chegando mesmo a figurar em primeiro logar entre as mais bellas de sua terra de pinheiros majestosos e trigaes côr de oiro. Mas renunciou ao seu titulo de victoria antes mesmo de ser conhecido o resultado que proclamou mlle. Didi Caillet.

um homem sceptico

— O senhor, que só tem razões para querer bem á vida, amal-a e bemdizel-a, pelo muito que lhe tem dado, e pelo muito que, certamente, ainda lhe ha de dar!

— O meu merito está é nessa dissimulação. Quando escrevo, dou a impressão de ser de uma alegria que não experimento. Apparento uma felicidade que não existe, que não conheço, que é apenas um fugitivo fantasma.

— E' singular, doutor! E' esquisito!

— Dahi o meu scepticismo.

Uma pausa.

— A vida da imprensa é que nos inocúla na alma esse pessimismo morbido.

— E' pena.

— E doloroso, sei... Mas, que fazer? E' no fundo de uma redacção onde se conhecem, e se aprende a conhecer os caracteres. E os caracteres, os espiritos, as almas humanas são como certos quadros a pastel: só devem ser vistos ao longe...

Madame entristecera. De repente. Os seus olhos se vestiram de uma melancolia fina, repousante, como si tivessem tido pudor de se mostrar na radiosa nudez da sua alegria.

Cada mulher, porém, e uma interrogação. O "jazz" gritou, freneticamente, as primeiras notas de um fox. E madame, com os seus lindos olhos desnudos, novamente desnudos, na rutilante alegria de ser moça, lá se foi a gingar, em zig-zags, nos braços de um almofadinha banal...

## NO «GARDEN-PARTY» DE PETROPOLIS

— Não me toquem!...

* * *

OS HOMENS... AS MULHERES — De Yves

— Mlle. Lorota explicou:

— Não publico o que escrevo, porque tenho que respeitar as convenções sociaes.

— Mas a literatura não desprestigia nunca uma senhorita de bôa conducta.

— Dá o que falar.

Intimamente, eu me sentia irritado. Apparentava o maximo de cortezia, n'um esforço supremo para não trair o meu desejo de sarcasmo. Mentalmente, porém, eu lhe chamava todos os nomes ridiculos. E terminava, sempre, com este conceito rude que, si ella fosse mais intelligente, teria lido no escuro dos meus olhos: "Tu és uma mediocre!"

No emtanto, tive um sorriso amavel, de pura dissimulaçõ, e objectei:

— Perdão, mademoiselle. Mas uma dama de espirito não se atem a essas mesquinharias. Não ha mesmo escriptor ou escriptora que não deseje ser commentado, discutido, negado, applaudido, apupado, etc. Isso vem provar que tem valor.

— E a nossa dignidade, e a nossa reputação, e o nosso nome de familia?

Tive impetos de lhe gritar ao ouvido: "Adeus, ó lôrpa! Fica-te para ahi, com a tua quadratura mental! Não podes trocar idéas com um homem superior!" Fiz prodigios para dominar-me. Sorri novamente o meu sorriso agudo e mephistophelico. E respondi, com uma desejo louco de dar pançada em mlle. Lorota:

— A arte é arte. Nada tem com a moral. De resto, a moral é coisa tão relativa...

— E', como diz um escriptor italiano: uma questão de longitude e de latitude. Varia, na verdade, de parallelo para paralello, de meridiano para meridiano. A moral dos orientaes não é a mesma dos occidentaes. No Thibet, a mulher casa legalmente com diversos maridos. Legalmente, com diversos maridos, veja bem! Entre nós, casa legalmente com um... E nem por isso vamos dizer que a moral dos thibetanos seja inferior á nossa.

— Basta. O sr. é terrivel.

— Não, mlle., argumento com a sociologia, com a historia dos povos. Não invento; reproduzo, repito o que é conhecido.

Mlle. Lorota, a literata "manquée", tentou ainda um aparte.

— Com licença — pedi eu. Deixe-me proseguir. A moral nada tem com a arte. De resto, o verdadeiro artista é aquelle que santifica, pela belleza pura, as suas geniaes creações, a essencia vital da sua obra. O artista é Pygmalião, apaixonado pela grandeza da sua arte. E' Miguel Angelo, deante do seu "Moysés". O preconceitualismo não se concebe em arte. E' absurdo.

— Mas nem todos assim comprehendem. Geralmente a personalidade artistica é confundida com a personalidade moral.

— A um criterio de tal jaez não se pode dar importancia. Não pode ser levado a sério. Elle dará a medida exacta do seu merito criticionista, confundindo uma coisa com outra.

Pausa. Mlle. olhou-me com um sorriso alvar. Aproveitei esse instante psychologico para dizer com ar de gravidade:

— Só ha um caso em que o critico deve confundir a artista com a figura moral da pessôa.

— Qual é?

— E' quando ella escreve, por exemplo, um livro sobre a arte de fazer doces ou empadas...

Mlle. deu um muchôcho e azulou...

GRAND-GUINOL — O sr. Balduino Arrochado (Uff! que nome!) era uma cavalheiro sisudo.

Casára com a senhora Mathilde Carochinha (Sáe, azar! que nome ridiculo!) não porque ella fosse uma joven bonita, mas porque a amava, deveras. Era louco por ella.

D. Mathilde, porém, não podia dizer o mesmo.

Acceitava essa união, unicamente porque... Por que, na verdade? Pela riqueza do homem.

Este era mais velho do que ella uns trinta annos; no minimo Madame Arrochado tinha vinte annos, Elle — cincoenta e dois. Que desigualdade!

De modo que a senhora não podia supportar o velhote. E este não se podia conformar com a indifferença da esposa.

Dahi a lucta em que viviam.

Por fim, o capitalista Arrochado (elle era capitalista) deu para desconfiar da mulher. Entrou a vigial-a, com uma assiduidade irritante.

Elle a censurava continuamente:

— Que fazes na rua todos os dias?

— Frequento a sociedade. Visito as amigas. Dou a minha assistencia aos estabelecimentos de caridade. E agora mesmo acabo de ser eleita presidente de honra do Circulo das Damas Virtuosas.

O marido era chucro. Vivia para o seu trabalho. Pouco se interessava pela vida mundana da esposa. Mas agora, devido ás suas suspeitas, queria saber de tudo.

— E aquelle cavalheiro que ia comtigo no automovel?

Madame estremeceu:

— Qual?

— Aquelle, muito elegante.

— E' o director do asylo São Benedicto.

Mas o sr. Arrochado não descansava nas suas pesquisas.

Uma tarde, elle chegou á convicção de que era enganado. Interpellou a senhora. Ella negou a principio, para depois confessar a verdade.

O capitalista desmaiou. Quando voltou a si, declarou que ia matar-se.

— E é para já! — berrou elle, dirigindo-se ao quarto de dormir, para apanhar o revolver.

Mme., prevendo a tragedia, adeantou-se e descarregou a arma.

O desgraçado esposo, no emtanto, não se apercebeu disso: apanhou-a e deu ao gatilho. E — bumba! — caiu ao solo.

A mulher, porém, soltou uma gargalhada:

— Acorda, marido. O revolver estava descarregado! Tu não estás morto...

— Hein... hein... — levantou-se elle, esfregando os olhos. E respirando alto:

— Que susto!

**MELANCOLIA** — De Yves — Si algum dia ainda fôr á tua terra, á tua cidade barulhenta, que as glycinias enfeitam e a goróa veste de branco, como as noivas, em tardes nupciaes, — si algum dia os meus olhos ainda se cruzarem com os teus, eu me perguntarei, entre surpreso e aniquilado: "Será ella? Como está differente! Como esta mudada!"

E passaremos ao largo, como si fossemos dois desconhecidos: — eu, já grisalho, anguloso, vencido pela magreza, a magreza que o soffrimento me trouxe; e tu — não sei como estarás... Talvez um pouco *flétrie*, como as rosas brancas que o verão tostou, neste jarro verde, que pousa sobre a minha banca de trabalho...

Talvez tu passes por mim, com um sorriso indifferente, um tanto interrogativo, levada pelo braço de outro, ou mesmo sem uma companhia...

Olho-te tambem com certa admiração. Observo a pallidez do teu rosto, uma ruga de amargura mal disfarçada, que o amor imprimiu á tua face. Reparo no emmaranhado do teu cabello, no til da tua bocca, que tanto palpitou sob o desatino dos meus beijos... Os teus olhos esmaeceram. São agora de um castanho mais claro, quasi côr de ferrugem o de ouro — combinando para uma nuance de folha sêcca, folha morta como o nosso amor... As tuas mãos, de unhas longas e finas, onde chispam faiscações ephemeras de pedras, estão brancas, como se fossem de ambar do Oriente... Frias. Não as tenho nas minhas. Mas sinto, por uma intuição penetrante, a intuição dos que soffrem por amor, que ellas estão frias, quasi geladas, como lirios que dormissem sob uma tempestade de neve...

Olho-te, e constato que em ti tudo se modificou. Até a linha da tua silhueta, que fazia de ti uma "princesse lointaine", uma "princesse" como as de Maeterlinck, — até aquella finura de linha quebrou o rythmo da sua elegancia aristocratica...

Dentro, o teu coração se reflecte no sorriso.

O teu sorriso é distrahido, alheiado, nasce quasi sem convicção... Um sorriso que é triste e longo como uma lagrima...

Que é da *outra?* penso eu. Por que está assim differente? Por que o seu sorriso é tão triste? E por que me olha como si me não reconhecesse?

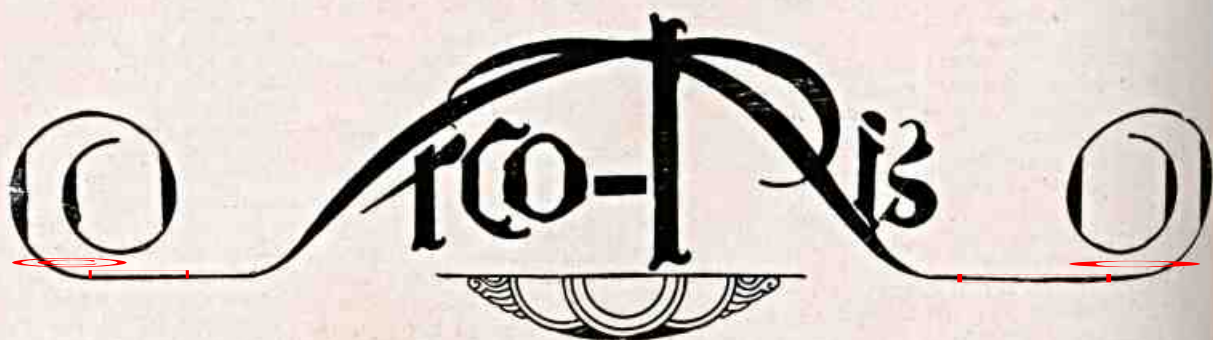
Atraz de ti, fica o silencio como resposta ás interrogações que enchem o meu olhar. Os meus olhos — estes meus olhos sombrios, que alguem chamou "indefinidos" — estão cheios de interjeições afflictivas...

Tu passas como a onda de um perfume. Passas como o clarão de uma estrella cadente... Depois, fica o silencio, fica o vasio, ficam a solidão e a saudade...

... E eu sentirei que ainda te amo, que ainda te quero, que te desejo, — através a recordação da que foste... Através a recordação daquella creatura nobre, fina, rebaldica, dolorosa e soffredora, indulgente e piedosa, ó minha "Regina Angelorum!"

NO «GARDEN-PARTY» DE PETROPOLIS

— «Perdão, Emilia, que não fui culpado...»

# O Arco-Iris

## ALLELUIA!

*Sabbado da Alleluia. Quem recorda*
*que hontem foi Sexta-Feira da Paixão?*
*Memoria fraca...*
*Humanidade frivola e velhaca,*
*vive de esquecimento e de illusão!*

*Ninguem recorda,*
*na multidão de mascarados, horda*
*alegre e inconsciente,*
*que a vida mesma, dia sim, dia não,*
*anda a brincar com a gente,*
*ora, surpresa, ora, decepção.*

*O que permanece*
*para communicar-se a Deus, em prece,*
*é a certeza que tenham os que a têm,*
*de não ter feito o mal, de não ter dado*
*nenhum motivo para o desagrado*
*de ninguem.*

*Neste estado de espirito, hontem, sexta,*
*adormeci. Hoje, tomo o meu palha*
*e a bengala de imbuia,*
*e acho na rua uma alegria besta.*
*Sabbado da Alleluia...*
*A criançada malha*
*um judas que se esgarça e se desmembra,*
*um judas de animhagem e algodão.*

*Ninguem se lembra*
*que hontem foi Sexta-Feira a Paixão...*

## RESURREIÇÃO

*Resuscitou Jesus? Jesus Divino*
*não resurgiu: isto é, jamais morrêra.*
*Mas, aos que só da essencia humana o tomem*
*com aquelle peito ebúrneo, trespassado*
*de golpes gottejantes,*
*e aquellas mãos de cêra*
*em cuja rósea concha — Deus-Menino, —*
*antes de ser Deus-Homem,*
*victima do divino apostolado,*
*susteve o peso ao Mundo*
*como o não susteriam mil gigantes,*
*esse Jesus resuscitou, devéras,*
*pois não tinha concluido*
*o que apenas pudéra iniciar...*
*A virtude e o peccado!*
*Os passaros e as féras!*
*O antro ameaçando o lar...*
*Oh! a Resurreição tem um grande sentido:*
*E Jesus só morreu, para, tendo morrido,*
*resuscitar, cada anno,*
*renovar nosso doce e ingenuo engano,*
*reflorir, renascer, resuscitar...*

A MULHER CHIC

Um lindo chapéo de palha de seda «tweed» azul marinho e branco. — Modelo Jean Patou. (Photo Luigi Diaz — Paris — Especial para FON-FON).

# TREPAÇÕES

NÃO ha nada que mais irrite o nosso amigo do que um trote pelo telephone. Tudo elle toléra — menos o trote.

Pois parece que elle tem azar: ha dias em que essas brincadeiras de mau gosto se repetem.

Uma dessas tardes, segundo soubemos, elle foi chamado ao apparelho por uma voz feminina.

Logo de entrada, ella o advertiu:

— Sei que não gosta de trote. Por isso póde ficar descansado. Quero dizer-lhe apenas que sou sua admiradora.

— Pois sim. Estou contente de poder ouvil-a.

Dizia-se filha de um Estado do Norte. Chegára havia dias. E assim, com um espirito um tanto jéca, a tal mocinha xaropeou o rapaz á vontade. No fim, para desoriental-o, ella diz:

— Sabe, o senhor não é a pessôa com quem desejo falar. A voz não é a mesma, é outra.

Não houve argumento, para convencel-a de que elle era o cujo.

Tolo que foi! O trote da nortista consistiu justamente nessa evasiva.

O moço ficou doente com a pilheria.

O abastado negociante, — capitalista, e não sabemos mais o que, está convencido ser um *bicho* no *capitulo* mulheres...

Entretanto, as que exhibe em publico, assim com ares medrosos de coisa reservada, são simplesmente pavorosas, é tudo quanto ha de mais conhecido, pelo habito diario de bater os saltos nas calçadas da Avenida.

Mas, o abastado capitalista, quando passa com dama ao lado, incha o ventre, empina a cabeça, pensando talvez que é o *batuta da zona*...

Então, quando a dama trepa para o automovel e elle vae no volante, o quadro torna-se digno do lapis do Raul, o nosso ferino caricaturista.

Com franqueza, não vale ter dinheiro, muito dinheiro, ter automovel de luxo, para afinal isto tudo ser empregado na caça de *camafeus* authenticos, que vivem na cidade...

NO baile daquelle hotel, no sabbado de alleluia, o poeta foi eleito o mais bello... da mesa. Da mesa onde havia gente bonita a valer. Mas elle foi eleito o mais bello para pagar "champagne", como fôra eleito o mais feio conhecido e apreciado jornalista, promotor do certamen tão original. Só as mulheres podiam votar. As mulheres da mesa, bem entendido. E o poeta tirou o primeiro logar! Estava presente a esposa do victorioso, que naturalmente votou nelle. Não se sabe si madame gostou da victoria do companheiro. Ella não se manifestou. Nem protestou, nem approvou. Ficou firme. Isto é, dissimulou maravilhosamente o seu estado de sentir.

O poeta é que não gostou da brincadeira. Porque, além de ficar mal perante a esposa, ainda teve que marchar com os cobres para o "champagne"...

AQUELLE engenheiro deixou a esposa num Estado do sul e veiu, a negocio, até a metropole. Aqui chegou quando o alvoroço da alleluia dominava a cidade, depois do recolhimento e da tristeza da Semana Santa. E, a instancias de amigos, apesar da saudade da companheira distante, foi a um baile de hotel, onde havia "champagne" e mulheres bonitas...

Lá, esqueceu o Estado do sul de onde viéra, esqueceu a esposa, esqueceu a alliança que trazia na mão esquerda, esqueceu tudo, e cahiu na pandega, com vontade.

E quando estava esquecido de tudo isso, em plena folia, foi surprehendido pelos olhares severos e exprobadores de senhoras que o conheciam e que conheciam sua esposa.

O engenheiro cahiu das nuvens, embora tivesse permanecido firme na cadeira onde se achava, ladeado por conhecido capitalista e por uma dama de preto que, seguramente, não era sua esposa... nem do outro...

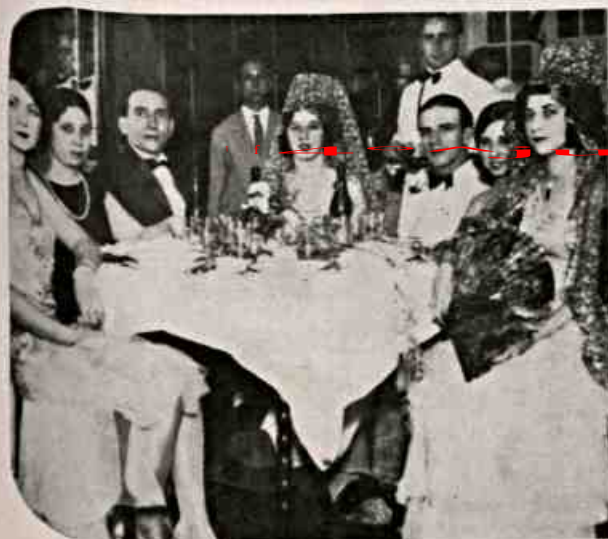
ROBERTO Porto da Silveira, um carioca que honra a belleza infantil de sua terra, e que tem alvoroçado o coração das meninas bonitas do Paraná... Roberto é o filhinho do casal Porto da Silveira. E é intelligente como seu papá, o nosso illustre confrade dr. Alberto Porto da Silveira, e elegante como sua mamã, a exma. sra. dona Therezita Porto da Silveira, que, por signal, se acha no Rio, com seu esposo, longe do seu querido Roberto. Do seu Roberto, que é todo o seu encanto e todo o seu enlevo.

BEIXOS

Teu sorriso illuminado — o encanto maior de minha vida — em que eu vejo um mixto de piedade e ironia, é a dôce tortura de meu viver ardente... E' toda a gloria esplendorosa e linda desta desventura quasi bôa em que se resumem os dias que me restam para soffrer...

Cada sorriso teu é uma bençam para o meu amôr... Um beijo perfumado e espiritual que, talvez sem querer, tua alma depõe em minha alma...

•

O Botafogo F. C. festejou o sabbado de alleluia com um grande baile á fantasia, que esteve brilhante e lindo e foi uma doce e alegre evocação do carnaval deste anno.

# :: PAINEL DE AZULEJOS ::

**O LOTUS DO AMOR**

*Noite de luar. Fico longamente á varanda. A folhagem das trepadeiras que o vento levemente agita acaricia devagarinho os meus cabellos. Espero-te, embora saiba de antemão que não virás. E não virás porque não poderás vir. Mas imagino que vens e isso me basta...*

*A imaginação é quem tudo nos dá de grande, de bello e de forte. Não é das realidades que brotam as grandes idéas e as grandes acções, porém das ficções.*

*Lá no alto do céo de velludo claro as pequeninas estrellas boiam pestanejantes, quasi apagadas pela luz da lua melancolica. E, de repente, a minha evocação assume tanta pujança que não é mais o luar que contemplo, meditativo, da minha varanda florida, sim teus olhos côr do luar, grandes como mundos, languidos como a luz mysteriosa e mysteriosos como a luz languida. Olhos em que abrolha e brota e floresce o lotus azul do desejo...*

*Dizem os poetas que o lotus da velha India em cem annos florescia apenas uma vez. Bemdito o lotus do amor, mais vigoroso, mais humano, que floresce dentro da quieta e clara agua de tuas pupillas todas as vezes que te olho, mesmo de longe... todas as vezes que me debruço para a noite clara e perfumada na minha varanda silenciosa e coberta de folhagens!...*

**DUVIDA**

*Amo-te em carne e em espirito. E não sei si te amo mais em carne do que em espirito, ou si mais em espirito do que em carne...*

**SAIAS CURTAS**

*Um costureiro parisiense disse a Louis Forest, chronista do Matin:*

*— O senhor pensa que somos nós que creamos a moda? Erro crasso. A moda, deusa invisivel, é quem nos conduz aonde quer. Escute. Quiz, e outros collegas tambem quizeram, encompridar as saias.... Pois bem, a moda foi mais forte do que nós e não consentio. As saias continuaram curtas. Inclinemo-nos, pois, perante leis superiores que escapam á nossa intelligencia.*

*Como estamos longe do tempo em que as mulheres não se animavam a mostrar as pernas e em que os poetas ficavam alvoroçados quando viam a minuscula ponta dum pé!...*

*O escriptor Mario de Lima Barbosa revela num de seus ultimos e bellos trabalhos de pesquiza literaria a interessantissima carta de Victor Hugo á sua noiva, que arremangara as saias por causa da lama dos trottoirs parisienses:*

*"J'ai, ma bien chère Adèle, à te dire une chose qui m'embarrasse. Je ne puis ne pas te la dire et je ne sais comment te la dire. Enfin, je me recommande á ton indulgence. Ne vois que l'intention. Si tu la vois telle qu'elle est dans mon cœur, tu m'en seras reconnaissante et c'est ce qui m'enhardit. Je voudrais, Adèle, que tu craignisses moins de crotter ta robe quand tu marches dans la rue. Ce n'est qu'hier que j'ai remarqué, et avec peine, les précautions que tu prends.... Je n'ignore pas que tu ne fais en celá que suivre les opiniatres recommandations de ta mère, recommandations au moins singulières, car il me semble que la prudence est plus précieuse qu'une robe, bien beaucoup de femmes pensent différemment. Je ne saurais te dire, chère amie, quel supplice j'ai éprouvé hier et aujourd'hui encore, dans la rue des Saints-Pères, en voyant les passants détourner la tête et en pensant que celle que je respecte comme Dieu même était, á son insu et sous mes yeux, l'objet de coups d'œil impudents." Hoje, Victor Hugo, si vivesse no tempo das saias acima dos joelhos, ou não ficava noivo, ou ficava maluco...*

**A COSTELLA DE ADÃO**

*Berilo Neves, entre os espiritos cultos e os talentos litterarios do momento que passa, já é uma figura de relêvo. Philosopho subtil e taquin, sobretudo com as mulheres, faz sorrir, o que é perigoso, e faz pensar, o que é mais perigoso ainda. O livro de contos A costella de Adão, moderno, vibrante, original, nas suas concepções scientificas e nos seus enredos seculo XXI, encanta pela linguagem e pela imaginação e dá bem a medida do inegavel valor do joven cultor das nossas lettras.*

D. JAYME.

DR. Hilario Freire, deputado estadual paulista. Um estudioso dos nossos problemas economicos, que já lhe devem excellentes e uteis monographias. Agora mesmo, acaba de enfeixar em volume, sob o titulo «A praga do café», os discursos, interessantissimos, que pronunciou no Congresso de São Paulo sobre a momentosa questão da broca cafeeira. Intelligencia lucida, ampla cultura e uma invulgar capacidade de trabalho têm feito o renome desse parlamentar.

O coronel José Muniz, director do departamento de arrecadação das rendas da Prefeitura Municipal, recebeu, ha dias, carinhosa homenagem dos seus auxiliares, que festejaram, assim, a data natalicia de seu chefe e amigo.

*Drs. GIL NICOLAU DA ROCHA E HELY NOGUEIRA*

Os drs. Gil Nicolau da Rocha e Hely Nogueira, cujas photographias publicámos em nossa edição de sabbado ultimo, a proposito de sua formatura, não fizeram o curso medico na Faculdade de Bello Horizonte, como, por um lamentavel engano, foi publicado, e sim na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, onde brilharam pela intelligencia e pelo caracter, como brilhariam em qualquer Escola do paiz.

* * *

TAMBEM o Club dos Bandeirantes teve os seus salões povoados de alegria na noite festiva de sabbado de alleluia. As Colombinas e os Pierrots alli queimaram os ultimos fogos do seu enthusiasmo carnavalesco...

[illegible]

E ainda te admiras de me ver tão desfigurado, á sombra de mim mesmo!

Não o vês? também eu já me não reconheço. E não sabes, talvez, que cada ruga que me sulca a fronte, [illegible] que me enegreceste os dias, foste tu que fizeste?

Ou julgas que eu fôsse indifferente á dôr que me fizeste padecer com o teu desdem?

Não é a tua piedade humilhante que aspiro. Tambem já não te peço o teu amor. Para que, si minh'alma, por ter padecido e [illegible] demais, já não vibra com a mesma intensidade de outr'ora?

Que espero de ti?

Nada.

No entanto, temo que me abandones, meu doce amor!...

Mattos ALÉM.

# LANTERNAS DE PAPEL

## CABELLOS DE PEDRA

TITO Livio e sobretudo Julio Obsequens, no seu famoso Livro dos Prodigios, deixaram-nos historicamente documentada a superstição dos antigos romanos. Não somente os seus augurios vistoriavam as entranhas dos frangos sagrado? ou prescrutavam os astros á procura de signos de bôa ou má fortuna, antes dos homens de governo e dos generaes tomarem qualquer deliberação, como se annotavam todos os factos anormaes que occorriam na cidade e mesmo fóra della, os quaes eram tidos como prodigios assignaladores de males ou de beneficios.

Lendo-se os autores citados, verifica-se que o apparecimento dum lobo faminto nas ruas, o nascimento dum aleijão, o grito dum animal em horas improprias, uma chuva descommum, um phenomeno meteorologico raro ou um phenomeno astronomico de vulto, tudo era motivo para inquietação. Que quereriam dizer esses prodigios? E, depois, os annalistas encarregavam-se de dar o seu significado. Escrevem: houve este, esse e aquelle facto prodigioso e aconteceu uma guerra, uma fome, uma peste ou um crime.

Si nos nossos dias ainda ha muita superstição no povo, ella não medra mais officialmente. Não existem aruspicios na politica nem annotadores de prodigios na administração. Si houvesse taes individuos e quejandos, eu lhes offereceria hoje um pratinho succulento. Eil-o, tirado do Correio do Ceará, de Fortaleza, tal qual foi nelle estampado:

"A velha e tradicional cidade do Aracaty vem, desde alguns dias, sentindo-se aterrorizada com um facto extraordinario que se deu nos ultimos dias da derradeira semana do mez de dezembro do anno proximo findo. A senhora dona Isabel Cyrino, vulgarmente conhecida por dona Bellinha, esposa do sr. José Cyrino, alli domiciliado, indo tomar banho, em companhia de uma amiga, sahio delle com o seu longo cabello envolvido em uma toalha. Cerca de dez minutos após o banho, dona Bellinha retira a toalha que o envolvia, para enxugal-o e, com verdadeiro espanto, verifica que a parte do cabello que estivera embrulhada pela referida toalha estava pedrada. Immediatamente communicou o facto ao esposo e, espalhando-se a noticia do extraordinario acontecimento por toda a cidade, correu á residencia do casal Cyrino avultado numero de pessoas curiosas. Levada dona Bellinha aos medicos da localidade, nenhum póde dar explicações sobre o exquisito phenomeno. De qualquer forma, dona Bellinha continua com o cabello pedrado, desejando cortal-o e não o tendo feito a conselho de pessoas amigas. Seu esposo, segundo pudemos saber, pretende trazel-a para a capital, afim de submettel-a a exame medico."

Eis ahi a espantosa noticia. Em primeiro logar, ella nos ensina que ha logares no mundo — o Aracaty, por exemplo, onde vivem mulheres que ainda não cortaram o cabello! Em segundo, conta-nos um prodigio digno do Libellus prodigiorum de Julio Obsequens. Que estará para acontecer, Santo Deus! Sêcca no Ceará não é, pois alli tem chovido regularmente, graças a São José, advogado das chuvas. O caso é grave. E' a repetição pela quinta parte do da mulher de Loth, segundo a Biblia. Olhando para traz e transgredindo, assim, um mandado inilludivel, a pobresinha se vio toda petrificada em estatua de sal gemma, á margem triste do mar Morto. A do Aracaty só ter pedrado o cabello. Que teria ella feito?

Ou que annuncio de coisas formidaveis será esse?

Si fôsse em Roma, já os consules e senadores estariam conjurando a deusa Fortuna. Que as daqui tomem cuidado!...

CLAUDIO FRANÇA

## LETRAS CATHOLICAS

O illustre escriptor catholico conego Mello Lulla, cujo ultimo volume, «Messe da Verdade», com um prefacio de Alcibiades Delamare, foi recentemente offerecido ao publico.

* * *

NA egreja de Santa Cecilia, em São Paulo, realizaram-se solennes exequias em suffragio da alma do marechal Foch, tendo as mesmas comparecido as altas autoridades e o corpo diplomatico.

A Sociedade Hippica Paulista realizou uma festa em beneficio da Santa Casa de São Paulo. Uma festa linda e brilhante, que teve como nota original uma prova de hippismo disputada por amazonas.

# A epopéa do "Jesus del Gran Poder"

[illegible] da Hespanha palpitaram, mais uma vez, sob o nosso céo. Vieram, sobre mar, trazer-nos o abraço commovido da patria de Cervantes. Jimenez e Iglesias são os dois mensageiros alados dessa nação de heroes. E «Jesus del Gran Poder», o grande passaro mecanico que os conduziu até nós, para a missão formosa da amizade. Os aviadores da Hespanha gloriosa e amiga foram triumphalmente recebidos aqui, pelo nosso povo e pelos seus patricios que comnosco convivem e comnosco exaltam e glorificam o valor da raça.

Os aviadores hespanhoes Jimenez e Iglesias no Palace Hotel, entre as figuras representativas que alli os aguardavam na tarde de quinta-feira penultima.

CONVERSAS DE RUA

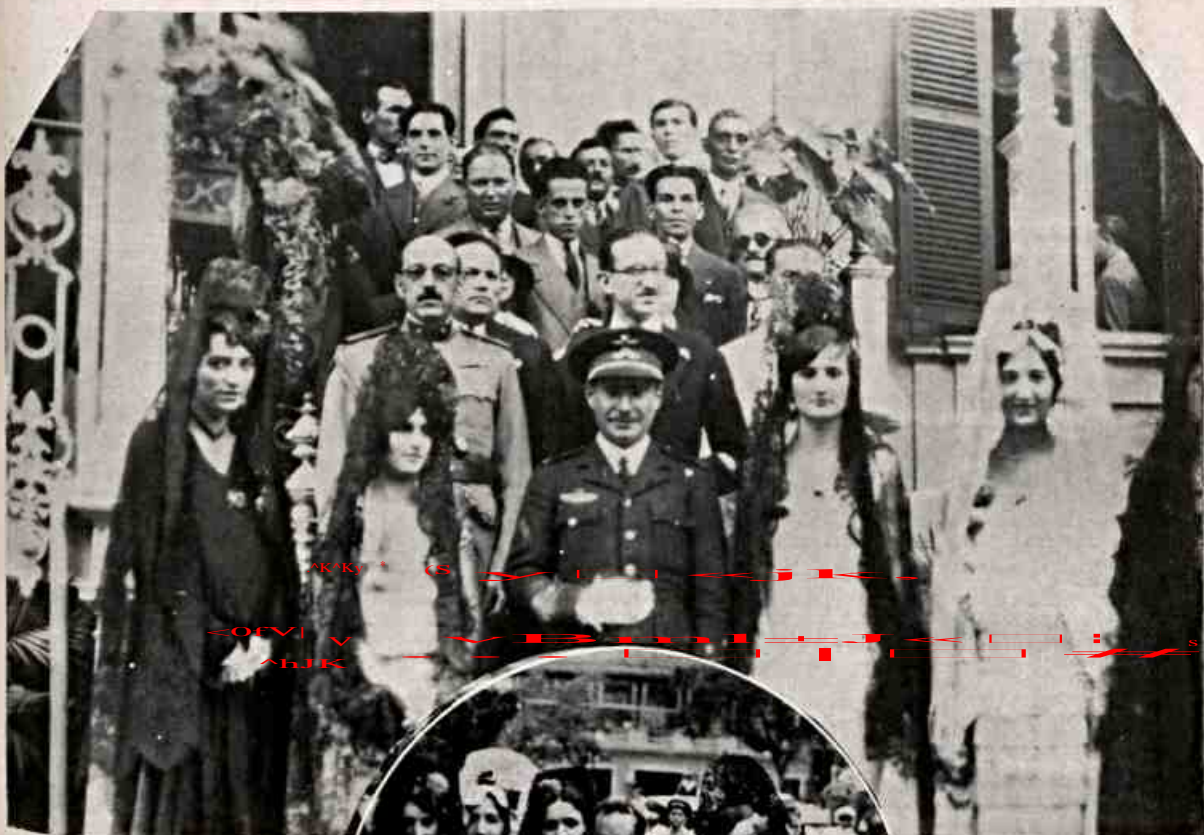
— Então, o presidente de Guatemala perdoou os officiaes do Exercito, implicados no recente movimento armado contra o governo?...

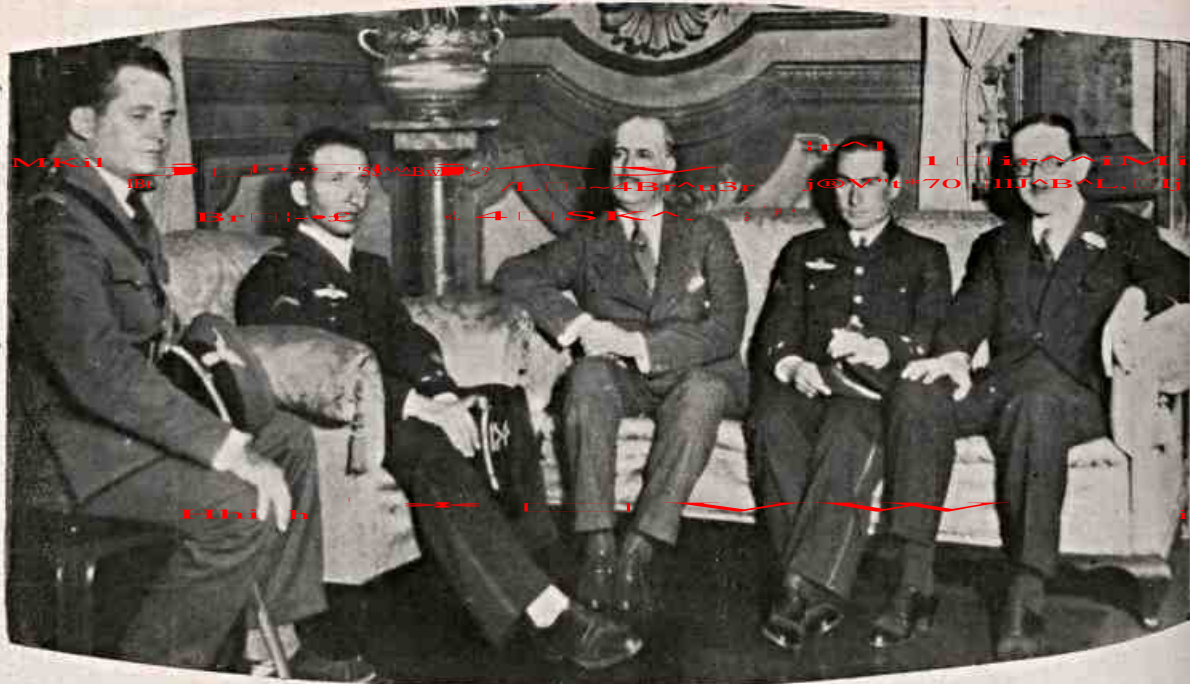
— E, sabes para que?!

— Para a purificação dos espiritos.

— E' para haver breve outra revoluçãozinha...

. . .

A festa do Centro Gallego em homenagem aos pilotos do «Jesus del Gran Poder», e que sabbado movimentou brilhantemente os salões daquella sociedade hespanhola.

OS AVIADORES HESPANHOES EM PETROPOLIS

O aviador Francisco Iglesias foi a Petropolis, segunda-feira á tarde, visitar a cidade serrana e visitar o sr. presidente da Republica, que alli se acha veraneando. Foi sem o seu companheiro de vôo Sevilha-Rio, porque Ignacio Jimenez não poude acompanhal-o. E lá, em cima da serra, entre hortensias e sevilhanas do Brasil, recebeu novas homenagens e sentiu o calor de novos enthusiasmos, bem fraternaes e bem sinceros.

Jimenez e Iglesias no gabinete do governador da cidade, quando visitaram o sr. prefeito Pratto Junior.

*FILIGRANAS*

Meu tempo de reporter e de estudante! Meu bom tempo! Quantas vezes, realmente feliz com alguns nickeis no bolso, não me encostei a um dos antigos kiosques typicos do Rio de Janeiro e tomei uma caneca de café barato entre um boleeiro de tilbury e um guarda civil, daquelles guardas civis *alimados* de Cardoso de Castro. Quantas vezes! Os kiosques foram-se para o lixo do passado como uma tradição inutil e feia da cidade. E agora, nestes dias do plano Agache e dos turismos, passar de febre amarella — horrenda tradição que voltou — os kiosques surgem nas paginas dos jornaes illustrados que recordam o Rio de outros tempos, só para fazer saudade na gente! Só para fazer saudade!

Após o banquete que a colonia hespanhola do Rio offereceu, domingo passado, aos seus gloriosos compatriotas Ignacio Jimenez e Francisco Iglesias.

# Bazar de Bonecas

## Feira de Vaidade e de Elegancia

### BALCÃO FLORIDO

Fui, hontem, visitar Boneca. Uma visita de surpresa, uma visita que me deixou profundamente impressionado.

Ao entrar o salão onde fui introduzido, para aguardar a encantadora dona da casa, divisei, esquecido sobre uma cadeira, o livro de estréa de Berilo Neves — *A costella de Adão*. Pelo numero de paginas abertas notei que a leitora tinha apenas principiado a folhear o volume.

Um *tac-tac*, ligeiro e leve, chamou-me a attenção e, logo, a linda figurinha de Boneca se apresentava, deslumbrante, a meus olhos.

— Muito bom dia, meu amigo — disse-me ella, estendendo-me sua mãozinha fidalga e delicada, emquanto um sorriso bom, franco, sereno, lhe aflorava aos labios. Sua mão, porém, estava fria e seu sorriso — o sorriso de Boneca, sempre tão alegre e tão aberto — era um sorriso que trahia uma dôr, uma tristeza interior.

— A que deverei o prazer dessa visita matinal, meu querido amigo, uma visita que vem tão a proposito e que recebo desvanecida e grata?

— A proposito, minha visita? Ainda bem. Vinha receioso de ser importuno. Passava, porém, á sua porta, sem destino, e ao ver o balcão em flor deste lindo palacio onde mora a fada mais linda da terra carioca, fui tentado e, sem saber se seria bem ou mal acolhido, annunciei-me. Desculpe a liberdade, sim?

— Ora, se me dá prazer! Muito prazer, mesmo...

— Estava lendo *A Costella de Adão*?

— Não. Começara apenas a abrir o livro. Gosto e não gosto do autor...

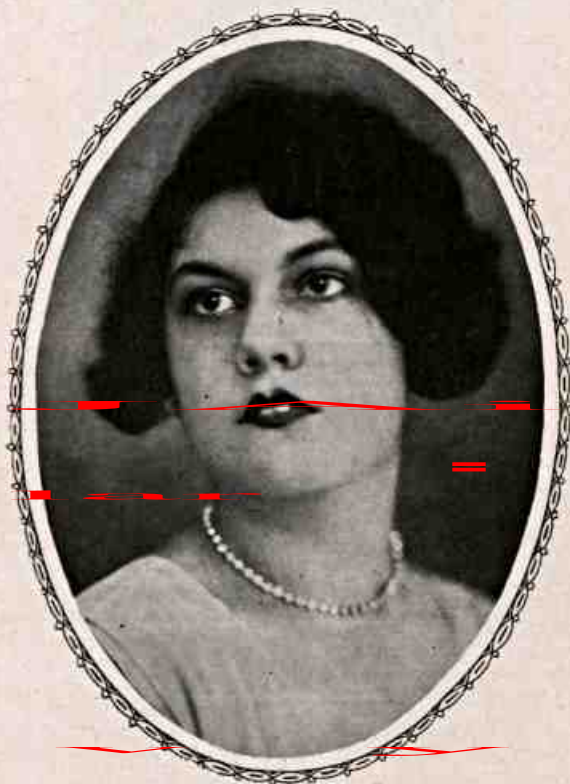
— Como?...

— Gosto do que elle escreve, do modo por que elle escreve, do escriptor, do estylista, emfim. As idéas..., com as idéas delle é que não estou de accordo, sobretudo porque o Berilo Neves tem assim uns ares de inimigo da mulher, procurando ferir-nos um pouco... Penso assim. Não o conheço pessoalmente. Mas, deixemos o escriptor e a obra para um julgamento definitivo, depois que eu o tiver lido. Tenho um assumpto muito serio e muito grave para tomar o tempo da sua captivante visita...

— Um assumpto grave, serio?...

— Sim, e que muito me vem preoccupando. Fui pedida, hontem, em casamento, e estou indecisa, irresoluta...

— Encontrou a sua costella, Boneca?

— Não. Pelo contrario. Querem que eu seja a costella, de facto, de um Adão...

**MLLE. Yêdda Marques Coêlho, que em Barra do Pirahy obteve o primeiro logar no concurso nacional de belleza promovido pelos nossos confrades d'«A Noite».**

— Ama-o?

— Ainda não. Dizem, porém, que o amor vem, ás vezes, depois, com a convivencia...

— E "elle" corresponde, ao menos, ao seu ideal, ao Principe Encantado de seus sonhos de moça?

— Tambem não. Basta ser real, para estar longe, muito longe desse ideal...

— Mas, minha filha, o homem vale pela sua realidade...

— Não acha, porém, que melhor seria valesse pela sua idealidade, pelos sonhos que nos inspira, pela sua exclusiva potencialidade espiritual?

— Talvez tenha razão. Mas a vida, suas necessidades instinctivas e profundas, tudo materializa.

— Até mesmo o casamento, nos dias de hoje. Um jogo, um jogo banalissimo de interesses materiaes que raramente consultam as necessidades da alma e do coração...

— Um casamento de interesse, então, o seu, Boneca?

— Não. Propriamente, não. Um casamento como os outros — a conveniencia social do marido, do arranjo do marido para uma donzella em edade de casar e que teme ficar *titia*... se fôr esperar, indefinidamente, pelo Principe Encantado por ella sonhado e ardentemente acariciado...

Uma sombra, uma nuvem de tristeza desceu sobre o céo azul dos olhos de Boneca. E duas lagrimas, trémulas, palpitantes, desfiaram-se pela sua face carminada...

— Boneca, minha filha, tu amas alguem, alguem que não te comprehendeu e que te faz soffrer?

— Sim, meu amigo, meu bom amigo. Amo o meu Ideal, o meu lindo e querido Ideal de moça, que vou sacrificar, casando-me...

— E se eu te pedisse, se todos nós que te adoramos te pedissemos que não casasses... porque...

— Porque?...

— Porque tu és tambem o eterno e nunca attingido Ideal de nossa vida, meu lindo e encantador sonho de amor e de

felicidade — minha doce e suave illusão...

E Boneca e Polichinello abraçaram-se e beijaram-se, ambos, para sempre, na vida e na morte...

*ESTRELLAS CADENTES*

Nesta capital e nos Estados o triumpho e a vi-

«En passant»... pela vida...

ctoria das mais bellas, das lindas compatricias que vêm disputar o titulo de *Miss Brasil* na grande parada internacional de Belleza de Galveston, são o assumpto empolgante do momento.

E o bando alacre das eleitas nos varios Estados vem chegando para o certamen em que será definitivamente julgada e consagrada a representante da belleza brasileira na imponente feira de graça e de elegancia de Galveston.

A nota, porém, encantadora, da maneira por que se realiza, entre nós, a deslumbrante parada, é a que nos offerece todos os dias a gentileza dos gestos, nobres, fidalgos, finos, delicados e tocantes, mutuamente trocados entre as numerosas concorrentes.

O facto em si não mereceria registo especial, se não se tratasse de requintes de cortezia entre... mulheres, e mulheres em competição, mulheres que disputam a primazia da Belleza!

Ha, porém, tanta sinceridade, tanta espontaneidade e lealdade no modo por que se *tutoient* e se animam as diversas *misses* patricias, que fico a pensar que já não ha razão em se dizer que a peor inimiga da mulher é mesmo outra mulher. Muito especialmente tratando-se de mulheres bonitas, de mulheres eleitas entre as mais bellas.

Positivamente, as mulheres de hoje entendem-se muito melhor, muito mais cordialmente, do que os homens!

Que edificantes exemplos de gentileza, de solidariedade e de franqueza estão ellas — as nossas bellas patricias — a nos dar, agora!

E ainda dizem que as mulheres são más, simuladas e dissimuladas...

*POMBO-CORREIO*

Tenho a cabeça em febre, agita-me e trabalha-me o espirito uma immensa e torturante preoccupação.

Meu amor, por que não vens tranquillizar-me?

Ouve a supplica de meu coração, meu pobre coração afflicto e cheio de ti.

Por que sequer não me telephonaste? Por que não vieste ao meu encontro para dizer que a tua "criança" não tinha motivo para ficar assim inquieta e soffredora?

Meu doce e querido sonho de felicidade, minha vida, meu suave e abençoado raio de sol, não me deixes, não, assim ás escuras, a tactear nas sombras desta tristeza e desta duvida cruel que me crucia e me domina. Fala-me. Escreve-me. Vem! Vem, para que eu, descansando a cabeça em febre no teu seio amigo e bom e puro, possa sentir que me amas, que não me fugiste, que és e sempre foste minha!

Como arde minha fronte, como tenho exaltadas e doloridas todas as fontes de meu coração!

Vem! Vem logo ao meu caricia fresca de tuas mãos queridas, o beijo doce e morno de teus labios adorados.

Como soffro! Como me sinto fragil, pequenina, só e desamparada, hoje! Ah, tu tens razão — eu sou a tua "criança", a tua pequenina "criança" que já não póde viver sem o conforto do teu amor, sem a consolação do teu carinho.

Meu amor, salva a tua "criança", que ella treme de febre e de frio, que ella morre, a pouco e pouco, de inquietação e de soffrimento. E ella só tem a ti, na vida, para amparal-a, para guial-a, para fazel-a feliz, muito feliz, ou infinitamente desventurada, se a abandonares...

*PETIT-BLEU*

Longe da vista, longe do coração... dizes. E, no emtanto, quando me vejo longe de ti é que sinto toda a força do amor que me inspiraste. Amo-te — acredita — louca e dolorosamente, através da saudade — essa presença dos ausentes, de que falava Bilac.

E, agora mesmo, tenho-te ao meu lado, e sinto o suave perfume de teu ser, um perfume de saudade. Porque, querida, tu és e serás sempre a doce e meiga saudade da minha vida, uma saudade imponderavel, feita de sonho e de illusão. Tu és mesmo a alma da minha illusão, dos melhores e mais puros sonhos de meu coração...

*SEARA ALHEIA*

DE JUANA DE IBARBOUROU.

*Ah, si fuera tan mio*
*[como mi sangre,*
*ah, si fuera tan mio co-*
*[mo mis huesos!*
*Ah, si fuera posible for-*
*[jar cadenas*
*fuertes como de bronce,*
*[sólo con besos!*

*Besaria la fragua, la ho-*
*[guera, el yunque,*
*hasta que la fatiga me*
*hiciera inerte,*
*y diria al herrero: — For-*
*[jalas recias,*
*pues el hastio ronda como*
*[la muerte.*

*Estoy pálida y grave,*
*[nunca me rio*
*por el temor constante*
*[de que me deje;*
*Ese miedo me agita como*
*[a una rama*
*y tiemblo ante la idea de*
*[que se aleje.*

*Ah, si fuera tan mio*
*[como mi sangre,*
*ah, si fuera tan mio*
*[como mis huesos!*
*Ah, si fuera posible for-*
*[jar cadenas*
*fuertes como de bronce,*
*[sólo con besos!*

*SORRINDO...*

Guaramiranga é um dos logares mais bellos da terra cearense. Sempre verde, a mais de oitocentos metros de altitude, sobre a serra de Baturité, esse lindo rincão serrano, com os seus amores-perfeitos, as suas rosas e as suas violetas, é bem a Petropolis, o magnifico jardim suspenso da terra de Iracema.

Não ha quem, ahi mo-

Um perfil de mulher.

rando ou que, ahi ao menos, tenha feito uma villegiatura de veraneio, não conheça a historia do *João Maluco*, um pobre louco inoffensivo que, tempos atraz, ladeira acima, ladeira abaixo, vivia toda a repetir, numa toada monotona, o extravagante estribilho da obsessão que o dominava:

— Deu certo; deu certo!

E lá ia elle, rua afóra, a monologar com os seus botões:

— Deu certo; deu certo!

Um dia, mais feliz, ou menos feliz do que as outras pessoas, que eram, póde-se dizer — toda a população — uma senhora, geitosamente, começou a conversar com o João Maluco:

— Mas, seu Joãozinho, por que é que você vive sempre a dizer: deu certo, deu certo? Que é que deu certo?

Joãozinho riu com gosto e, pondo o alforge ás costas, foi explicando:

— Lá na balança do matadouro pesaram um boi e um matuto. E o boi pesou mais. Tiraram, porém, os chifres ao boi e botaram no matuto... E... deu certo, deu certo!

E, casquinando uma gargalhada perversa, João Maluco desceu, aos pulos, a grande ladeira, sempre a repetir sua toada:

— Deu certo; deu certo...

PIEDADE

*Recepções* — O capitalista Horacio da Rocha Pimentel offereceu ás pessoas de suas relações um elegante baile, no sabbado de alleluia, na sua residencia, á rua Conde de Bomfim, 177.

Foi uma festa a que compareceram varios elementos da nossa alta sociedade, e na qual se manteve sempre um ambiente de ruidosa alegria. Para isso muito concorreram as danças, ao som de afinado "jazz", e que se prolongaram até alta madrugada.

*ROSAS DE SANTA THEREZINHA...*

*Meu bom e querido amigo* — Recebi, com a alegria e o agrado de sempre, sua linda e captivante carta. Mal poderá você avaliar quanto já me sentia afflicta á só lembrança de que, a exemplo de tantos outros, tambem você me teria esquecido!

Quando o carteiro, porém, desta vez, bateu á porta deste velho casarão colonial, onde vim esquecer um pouco a vida vertiginosa e febricitante da cidade, e pedir á Natureza o conforto do seu convivio e do seu prodigo e generoso carinho, meu coração, sobresaltado, adivinhou que eu iria receber noticias suas! E, realmente, momentos depois, sua bemvinda cartinha reconheci logo a letra, essa letra nervosa, inquieta como sua alma) estava em minhas mãos.

Vóvó, apezar da neve de seus oitenta annos, notou a minha alegre ansiedade e, a sorrir, maliciosamente, foi me dizendo:

— Minha filha, por mais que digas que não gostas de... amor de nenhum homem, ha um, entre os teus numerosos amigos e admiradores, a quem distingues mais do que os outros. E a carta que recebeste, seria capaz de apostar, é desse, do eleito ou do predilecto...

Não sei se corei, pudicamente, como as donzellas do tempo de minha avózinha, meu amigo. Mas,

Quando a alma soffre...

deante dos seus olhinhos de pisca-pisca, cheios de malicia, senti-me bastante perturbada.

Abracei-a, beijei-a, a rir, acarinhando-lhe as faces venerandas, vincadas pelo signal inelutavel do tempo, e subi para o meu quarto, este lindo quarto de janellas verdes abertas para a Natureza, para a Vida, para a Esperança e para o Amor.

E li sua carta. Primeiro de um folego. Depois, a vagar, demoradamente, buscando comprehender o sentido das linhas e tambem das... entrelinhas. Porque sempre tive a impressão de que sua alma, meu querido amigo, sua alma e seu coração, quando você escreve, se revelam melhor nas "entrelinhas", naquillo que você, de proposito ou não, quiz dizer, mas preferiu deixar incompleto, suspenso, para minha tortura e meu maior encanto. Acredite: é uma delicia, ás vezes um tanto dolorosa para mim, seguir-lhe o pensamento inquieto, ironico ou profundo, severo ou, não raro, brejeiro, através das suas phrases entrecortadas, ponteadas de entrelinhas. Entrelinhas que são verdadeiros hyeroglyphos.

Mas, vamos ao assumpto de sua carta. Como você é bom, generoso, e encantador, meu querido, nos seus galanteios e madrigaes! E, olhe, que lhe prohibi dirigir-me galanteios — condição expressa, que sempre imponho aos que querem ser meus amigos. Não sei, porém, porque, gosto do que você me diz, do que você me escreve. Sinto-me, ao mesmo tempo, desvanecida, confusa e tambem receiosa. Amor? Não. Não creio que seja amor o sentimento que você me inspira. Amizade, só amizade tambem não será... Que será, então, meu bom Deus? E, sem saber por que, choro, ás vezes, e peço a Nossa Senhora que me inspire e me guie! Estou piegas, hoje, não acha?

Vóvózinha terá adivinhado?...

Você, porém, diz, me chama sua "Santa Therezinha do Menino Jesus" e cáe, assim, em peccado mortal, com o seu amor um tanto ou quanto profano. Mas, eu, de coração lhe perdôo e, pura e santamente, meu querido amigo, guardo, zelosamente, todas as rosas do meu Céo, na vida, para você, tão somente para você... para o seu grande e nobre coração, que eu tenho o orgulho de ter comprehendido melhor do que as outras — as outras mulheres que já o amaram, e que mentiram dizendo-lhe que o amavam...

E' tarde, já. O crepusculo desce sobre este lindo recanto do sertão mineiro. Tudo, na natureza e na vida, parece tocar-se de recolhimento e de mysterio. E eu tambem me recolho, intimamente, no doce, abençoado e suave mysterio de minha alma e de meu coração. Esse mysterio até hoje apenas advinhado pelo coração de neve de avózinha e, agora, talvez tambem pelo seu...

Escreva-me, e receba um punhado de rosas da sua sempre — Maria do Céo.

# Sonhos do Haschich

PELA estrada larga, de horizonte vasto, na doçura infinita do entardecer, nós vamos de mãos dadas como duas crianças.

O dia todo, colhemos nas margens do caminho, onde o capim se encrespa, as flores sylvestres, singelas e frageis, tão depressa emmurchecidas... E nas moitas asperas, as borboletas esvoaçavam, os gafanhotos miudos e escuros saltavam como que impellidos por invisivel mola, causando-me sustos que eu exagerava a gosto. Tudo nos era motivo de riso, porque nossa alma transbordava de alegria.

Tu me deste a sorver a agua fresca da pedra, na concha de tua mão... e eu pensei que a tua mão tambem foi a que me fez beber na fonte magica da Felicidade.

Agora, de volta, nós vamos lentamente, e si alguem nos visse assim, de mãos dadas como duas crianças, havia de crêr que nosso amor falara pela vez primeira.

Numa curva do caminho, aureolada pela pompa auri-rubra do occaso, surge a grande cidade que refulge.

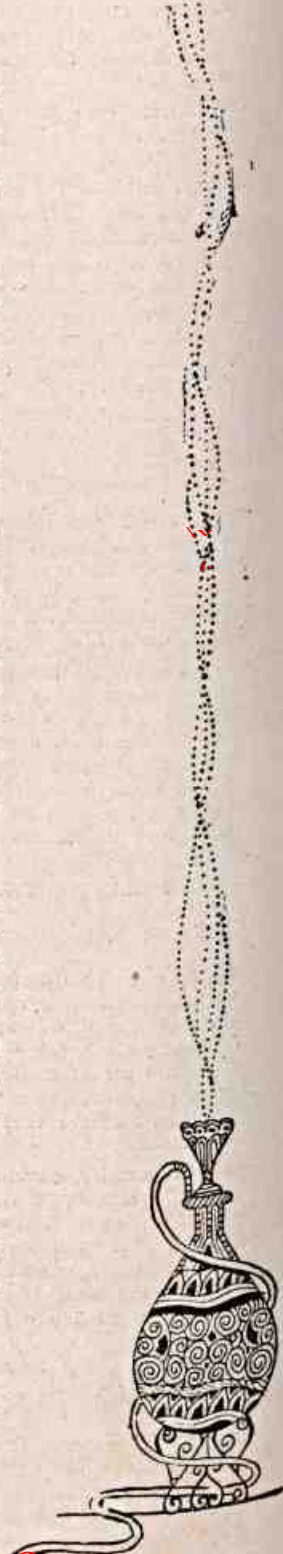
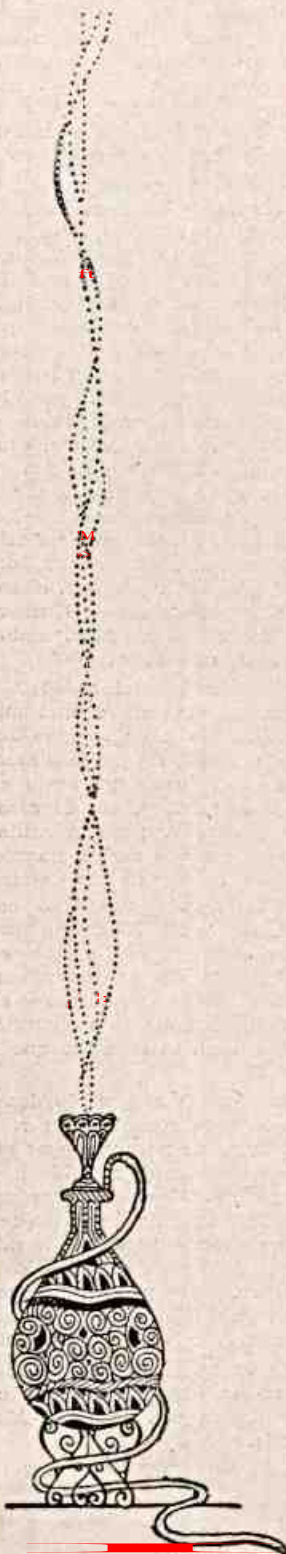
Lá em baixo, nas ruas movimentadas, coleia o seculo do Interesse e do Gozo. A hora do "cocktail" e do "jazz" estronda nos salões de dança.

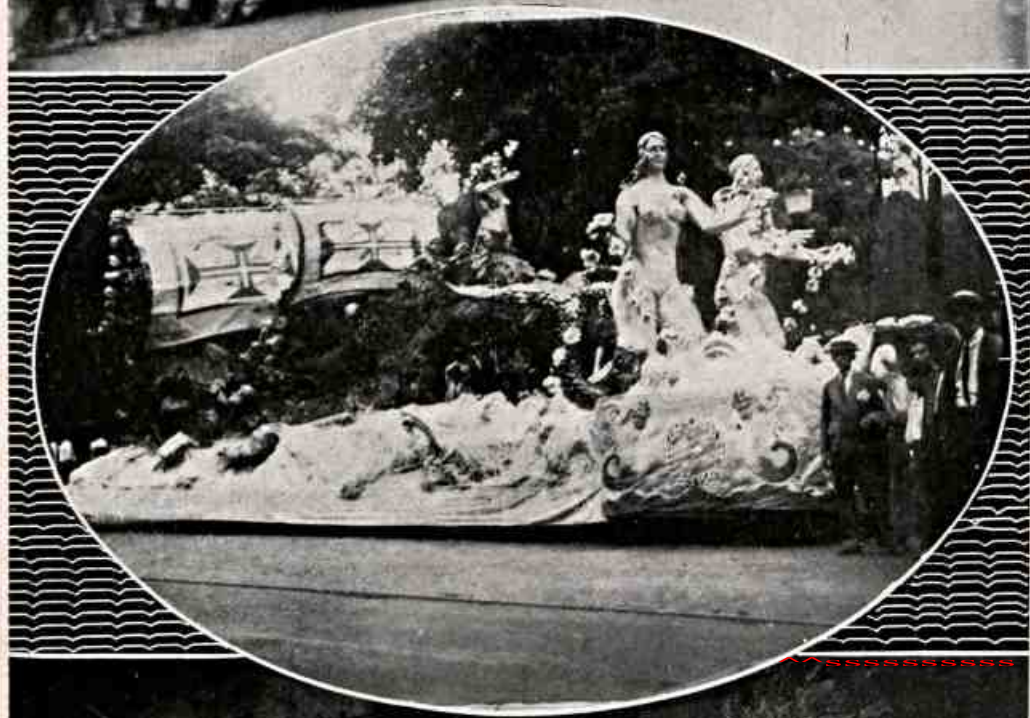
Que nos importa?

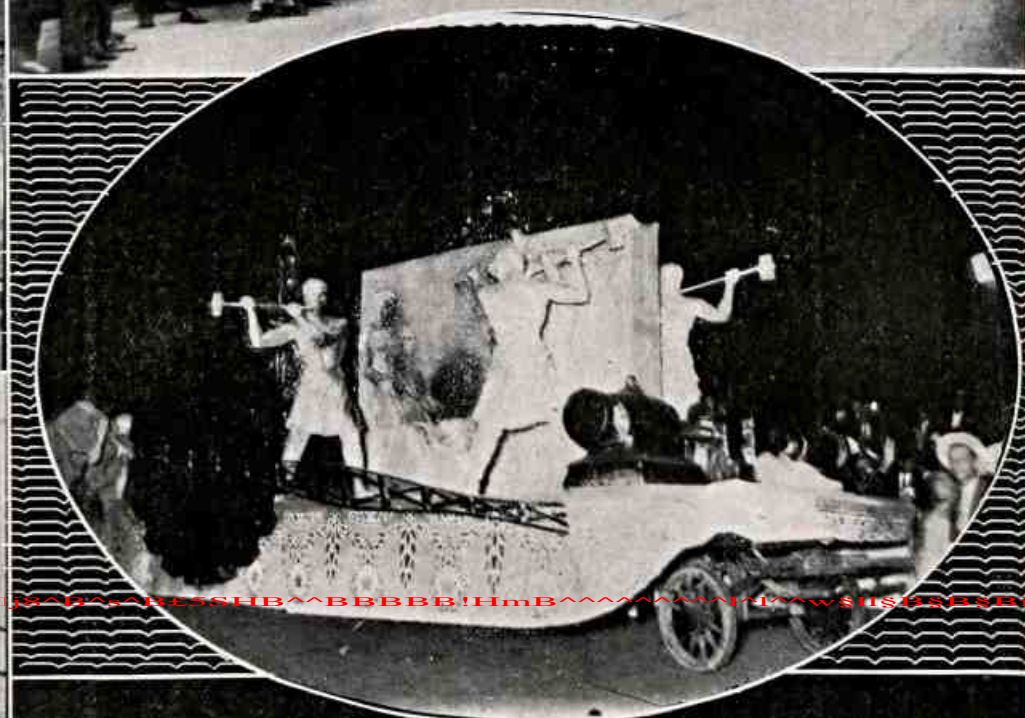
Na doçura infinita do entardecer, na estrada larga de horizonte vasto, nós vamos de mãos dadas, como duas crianças... Os teus olhos nos meus, nós vamos ao rythmo de uma symphonia eterna que nem a todos é dado ouvir.

Nós não pertencemos ao passado, nem somos do presente, porque os grandes privilegiados do amor vivem em uma era divina, acima das modas e das gentes.

Nós vamos pela existencia de mãos dadas como duas crianças... E quando nossos vultos desapparecerem na curva mysteriosa da morte, as marcas que nossos pés deixarem na poeira do caminho serão das que os mortaes apontam, com a alma assombrada e pensativa.

PETITE - SOURCE

# O PRESTITO DOS DEMOCRATICOS

O sabbado de alleluia foi quasi um segundo carnaval. Não houve serpentinas nem «confetti», mas houve, na rua, muito enthusiasmo á passagem dos prestitos dos dois grandes clubs que tiveram sua sahida impedida pelo aguaceiro de fevereiro. Illustram esta pagina duas partes do carro-chefe dos Democráticos — intitulado «A epopéa da Nacionalidade» — e que nos deslumbrou a todos nós quando sabbado á noite desfilou, imponente, pela Avenida Rio Branco.

# O PRESTITO DOS DEMOCRATICOS

OUTROS carros allegoricos e de critica, que os Democraticos puzeram na rua, sabbado de alleluia. São elles: «O Visinho» (allegorico), «Tudo pela Patria» (allegorico). «Amor» (allegorico), «A espera das ta[illegible]» (critica), «Carvão Nacional» (critica), «A Musica» (allegorico), «Ordem e Progresso» (allegorico), e «Independencia ou Morte» (allegorico).

# O PRESTITO DOS TENENTES

Os Tenentes do Diabo, disciplinados soldados da «Fuzarca», tambem brilharam na rua, sabbado ultimo, com o seu grande e majestoso cortejo de alegria. Lindos carros, originaes e luxuosos, desfilaram no prestito dos Tenentes, entre o delirio do applauso popular. Nesta pagina se vêem o carro-chefe, intitulado «Ao maior dos brasileiros vivos» em que Santos Dumont apparece numa homenagem muito commovedora, e o que abria a segunda parte do prestito: «Orgia infernal», majestoso e bonito.

O esperto menino WILLIAM.

Filhinho do casal RACHID DIB.

O que nos escreve seu papae:

Illmos. Snrs. Directores da Cia. Nestlé — Rua da Misericordia, 12 — Rio de Janeiro.

Prezados Senhores:

Tem esta por fim offerecer a VV. SS. uma photographia de meu filho William que tem sido um grande apreciador e consumidor da Fabrica Lactea Nestlé.

O William tem actualmente um anno e nove mezes de idade e desde os quatro mezes que se alimenta com a Farinha Lactea Nestlé de sua fabricação, á qual deve o seu desenvolvimento e robustez.

Agradecendo a essa Companhia os estojos de colheres de prata que tenho recebido em troca das tampas de latas de Farinha Lactea Nestlé. Subscrevo-me attenciosamente.

Assignado: — RACHID DIB.

*Rua Anhangaera, 32. — São Paulo.*

A's mães cujos bébés não progridem, recommendamos que se dirijam á Companhia Nestlé, Rua da Misericordia Nº. 12 — Rio — afim de receber gratuitamente uma amostra de Farinha Lactea Nestlé e um interessantissimo livro sobre os deveres de mãe, assim como um brinde para o pequerrucho.



Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

# De tecelã a "Prima Donna Soprano"

NOS ultimos dias de dezembro de 1928, no "Metropolitan Opera House", de Nova York, houve uma interessante estréa, que empolgou a platéa novayorkina, não só pela importancia da artista que estréava, mas tambem pela historia piedosa dessa creatura que, nascida para a arte, antes de galgar a scena, teve que percorrer uma longa *via crucis*, luctando heroicamente, durante annos sem nunca esmorecer, até sahir vencedora n'uma estéa brilhante, no mais importante theatro de Nova York.

E' uma historia commovente, de uma menina que, de simples tecelã d'uma fabrica em Massachusetts, conseguiu unicamente pela sua força de vontade, sem auxilio estranho, fazer-se uma das maiores "estrellas" do palco lyrico contemporaneo.

Referimo-nos á actual grande cantora americana, Clara Jacobo, de cuja estréa os criticos theatraes da grande Republica do Norte ainda se occupam nestes dias, relatando os pormenores emocionantes da longa e dolorosa odysséa que a grande artista teve que enfrentar, para conseguir a realização de um desejo difficil, quasi impossivel, devido á condição de extrema miseria em que vivia sua familia.

Na cidade de Mass. (Massachusetts), chegou, ha annos, de sua terra, como emigrante o italiano Angelo Jacobo; já com quatro filhos e mulher. Nos primeiros tempos, elle empregou-se como servente de pedreiro, na construcção de uma grande fabrica de tecidos, onde carregava tijolos. Mas o que ganhava, mal chegava para a alimentação de sua familia. E Angelo pensou que não seria carregando tijolos que poderia conseguir juntar dinheiro, como tinha seu compadre, que tinha enriquecido, naquella mesma cidade. E um bel-

# *A historia commovente e humana de Clara Jacobo*

lo dia, Angelo deixa o seu humilde officio, para abrir uma modesta drogaria. Sua condição pecuniaria melhorava um pouco, mas a sua familia augmentava vertiginosamente, porque sua mulher cada anno, infallivelmente, lhe fazia presente de um novo "bambino", e o nosso Angelo, como todo bom italiano, achava que aquillo era graça de Deus, e augmentava seus esforços para que nada faltasse aos seus.

Entre os que nasceram em Mass, havia uma linda, interessante menina, a que deu o nome de Clara, e que desde tenra idade mostrou grande tendencia pela musica, e, sobretudo, pela arte do canto. Já aos oitos annos, a pequena Clara vestia-se com as saias de sua mãe, arrastando-as pelo unico quarto que havia no fundo da loja; imitava os gestos das cantoras. Havia nos seus movimentos, nos seus olhos negros, alguma cousa que não era proprio das crianças da sua idade.

Ao mesmo tempo uma voz se ia revelando — voz de timbre sonoro, e, sobretudo, extensa. Não uma voz infantil, mas de mulher. Isto, porém, pouco ou nada interessava aos paes, gente rude, e quasi analphabeta. Nem se surprehenderam quando Clara, que já contava os seus 12 annos, lhes disse que desejava estudar canto, mesmo porque tinha sonhado que havia cantado n'um grande theatro, onde a tinham coberto de flores. Seu pae objectou-lhe que seu sonho ficaria em sonho, visto como elle nunca jogaria dinheiro fóra para fazel-a estudar cousas futeis.

Mas Clara não desistiu de seu desejo, que com o correr dos dias se tornou obsessão.

Diariamente, insistia junto a seu pae no mesmo assumpto até que um dia, o aggrediu com esta ameaça terrivel: ou elle consentia que ella estudasse canto, ou ella faria a greve da fome, como Sacco e Vanzetti...

Mas Angelo Jacobo virou as costas a Clara, suppondo que aquillo fôsse uma ameaça de criança. A cumpriu sua ameaça: durante alguns dias, nem agua tocou.

Nem as ameaças de seu pae, nem as lagrimas de sua mãe a fizeram recuar. Até que os paes da menina tiveram de recorrer a um medico, visto como Clara tinha enfermado. Ao medico, ella confirmou sua inabalavel resolução, e o esculapio aconselhou aos paes levarem-n'a para uma casa de saude, pois a menina estava soffrendo de uma doença nervosa...

Naquelle mesmo dia, Clara se apresentou aos paes, dizendo-lhes:

— Achei o meio de poder estudar musica: de amanhã em deante, irei trabalhar na fabrica de tecidos onde papae começou sua vida, e com o que ganhar, pagarei meu professor.

E assim foi.

Nos primeiros tempos, a nossa heroina, trabalhava 12 horas, n'uma estenuante vigilancia ás centenas de rolos de lã, ganhando apenas 6 "dollars" por semana! Mas ella não sentia o cansaço: as doze horas vôavam, porque ella acompanhava o movimento da sua machina com sua bella e melodiosa voz. Mal sabia, porém, Clara, que alguns mezes depois, viria sua voz quasi desapparecer. Aconteceu a ella o mesmo que aos outros operarios: o effeito

deleterio da absorvição, dos milhões de atomos de lã, que se desprendiam dos carreteis, affectou-lhe as cordas vocaes, e sua voz de ouro começou a apagar-se.

A pobre tecelã quasi enlouqueceu pelo desgosto. Foi nesta occasião que, providencialmente, lhe appareceu o maestro Cistina, que, tendo-a ouvido cantar, intercedeu junto aos paes para consentirem que ella estudasse: elle lhe daria lições, gratuitamente.

Póde-se imaginar a alegria daquella pobre creatura sonhadora da arte!

Passados poucos mezes, Clara, sem autorização do professor, apresentou-se na Egreja de N. S. do Rosario de Mass, offerecendo-se para cantar um solo no côro. E no domingo seguinte a tecelã se apresentou ao primeiro julgamento do publico, sem nunca têr comtanto, nem estudado sua musica.

O que foi sua estréa, não se póde descrever. O

## De tecelã a "Prima Donna Soprano"

*(Conclusão)*

padre que rezava missa, suspendeu o sagrado officio, extasiado pelos gorgeios daquella voz angelica. Os fieis deixaram suas preces, empolgados pela divina voz.

Só então, Papae Jacobo comprehendeu, e pela primeira vez, que seria um crime não auxiliar sua filha n'um estudo sério do canto; e com as lagrimas a correr-lhe pelas faces, beijou Clara, annunciando-lhe sua resolução de mandal-a para a Italia, onde ella se dedicaria á carreira theatral.

Mas Clara estava predestinada ao martyrio. Então os Estados Unidos, declaram guerra á Allemanha. As viagens tornaram-se um perigo, devido aos submarinos tedescos.

E Clara rogou, chorou, convencendo seu pae que a deixasse partir, porque N. S. do Rosario a protegia, que nada lhe aconteceria. E, um mez depois, Clara e sua mãe embarcavam para Napoles, a bordo do "Giuseppe Verdi".

Cinco annos após sua chegada á terra da musica, Clara fazia sua estréa no Real teatro Y Carlo, daquella cidade. Foi com o velho *Trovatore*, de Verdi, que ella se apresentou ao grande publico para pedir seu baptismo de arte. Naquelle dia, aos receios de sua velha mãe, ella respondeu:

Sahir-me-ei bem. Não te lembras o nome do paquete que nos trouxe a Italia? Foi o *Giuseppe Verdi*, nome do autor da musica que vou cantar. Não achas que aquillo foi um "buon augurio?"

E foi mesmo, porque o successo foi completo. Ali mesmo, ao findar o ultimo acto, um empresario contractou-a para uma longa temporada, no "Metropolitan Opera House", de Nova York, com um ordenado de 3.000 *dollars* por espectaculo!

Seu sonho se realizava!

Agora, os mais importantes jornaes de Nova York, não regateiam elogios a Clara Jacobo, cuja estréa, no fim de dezembro ultimo, foi um verdadeiro acontecimento artistico.

Mas os elogios em nada alteraram o temperamento modesto, meigo, simples, desta creatura predestinada á arte. Ella diz que a sua felicidade está só em poder fazer seus velhos paes descansar. Ella vive, agora, com elles n'uma elegante casa de um dos mais aristocraticos bairros de Nova York.

# VARINHA DE CONDÃO

*VINHOS E CRYSTAES* — Os francezes se prezam de ser fervorosos adeptos do bem comer, e apostolos convictos da decima arte, isto é, a gastronomia.

Achamos que elles têm razão de sobejo, e que não se deve despresar nenhum dos prazeres da vida, pois o gozo tambem é um mestre de aperfeiçoamento.

Mas, para quem é, acima de tudo, artista, enamorado dos gestos bellos e das visões delicadas, não basta comer ou beber o que é bom, mas é preciso tambem comer e beber do que é fino.

Nossa época, audaciosa e ardente creadora, não podia deixar de inventar um novo arsenal de crystaes.

Assim foi que esse lindos complementos das nossas mesas foram totalmente renovados na sua substancia e no seu espirito; elles associam, hoje em dia, arte e commodidade, logica e sonho.

Fig. 1

Falamos em logica, e mantemos o termo. Um calice deve ser agradavel á vista, artistico, delicado, mas antes de tudo, elle tem por obrigação pôr em realce a bebida, que contem, exaltar suas graças e seu *bouquet*.

E eis porque, os vinhos, para os quaes um doce calor magnifica o aroma, serão bebidos em finos crystaes, cujo supporte será pouco elevado, emquanto que os vinhos brancos, gelados, exigem um supporte mais fino e mais longo, afim de que os não esqueça a mão de quem os serve.

Fig. 4

O copo d'agua, rustico entre tantos fidalgos, será mais largo e de pé curto, como de direito.

Fig. 3

O grande *chic*, hoje em dia, é o calice balão e seus derivados. Imaginem um crystal imponderavel, representando rigorosamente uma esphera traçada a compasso e cortada horizontalmente na quinta parte de sua altura (fig. 1), mas desse typo primordial, se obtêm deliciosas variantes, segundo o vinho que devem conter.

O calice para o Bordeaux vermelho, de "bouquet" grave e nobre, é bastante alto, e ligeiramente fechado nas bordas (fig. 2).

O calice para o Bourgogne, cujo aroma é franco e generoso, é mais alto e um pouco mais largo.

Fig. 2

Fig. 5

O que se destina ao Bourgogne branco, menos subtil e vaporoso que seu congenere rubis, é nitidamente mais dilatado.

O calice para o Porto, e o copo d'agua, são do mesmo typo, menores ou mais baixos.

Quanto ás taças para o Champagne, a moda abandonou as finas e alongadas, sem elegancia e pouco praticas, que mantinham o nectar longe dos labios — tremulos, como o passaro á beira de uma fonte fremente — a taça fragil e esguia, tão facilmente derrubada sobre os vestidos de crepe, nos "buffets" concorridos.

Agora, possuimos de novo — felizmente! — a taça de feitio balão, cuja superficie inferior, longamente inclinada, favorece a eclosão das bolhas irrequietas... (Fig. 3).

Os *cognacs* illustres, os *armagnacs* historicos, são servidos em immensos calices de finissimo crystal de pés baixos e muito fechados no seu cimo (fig. 4).

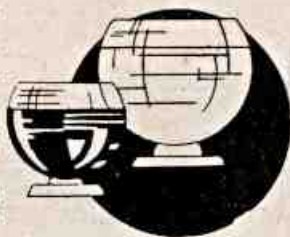
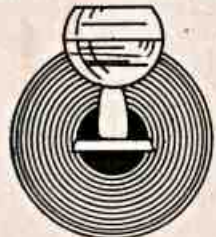
Despejam-se nelles algumas gottas do liquido precioso. O conhecedor inclina o recipiente e faz correr sobre a superficie translucida o *cognac* illustre que desenha sobre o crystal irisados estalactites; elle aquece o calice com a mão fremente, e faz evaporar a tenue pellicula; respira-a devotamente, embriaga-se do perfume, antes de apreciar o sabor.

Fig. 6

Alguns desses calices são enormes, formidaveis... gaiolas de sonhos, aquarios de desejos... O alcool millenario fica encerrado nelles como numa prisão de crystal.

A fantasia e a arte dão as mãos ao prazer, para que a vida seja, a certas horas, uma apotheose de gozo.

*CHAPÉOS NOVOS* — Raramente se tem visto egual fecundidade de imaginação entre as modistas no capitulo chapéos. Inventam-nos de feitios estranhos, de bordos revirados, de modelos pequeninos e bem adaptados á cabeça. E é de notar que todos esses chapéos assentam bem; elles dão ás mulheres physionomias estranhas, enigmaticas, de egypcias, ou perfis Renascimento, accentuados pela testa quasi completamente descoberta.

Um traço caracteristico e aliás muito interessante, dos

modelos mais recentes é a sua completa asymetria. Uma mulher vista pela direita ou pela esquerda é inteiramente differente, o que é bem agradavel para os homens que gostam de variar. De um lado, o chapéo desce muito baixo, do outro, elle se levanta, se preguela, se recorta...

As chapeleiras misturam a palha e o feltro, a palha e o velludo, a palha e a fita de faille ou seda semelhante.

Eis alguns modelos bem graciosos:

Fig. 7

M. 5 — Cloche irregular, de feltro jade, descendo muito baixo sobre a nuca, e escondendo os lados do rosto. Esse movimento é accentuado por incrustações de palha tom sobre tom.

M. 6 — Pequeno chapéo negro encaixando bem na cabeça e occultando as orelhas. O fundo é de palha e as beiradas de setim. Note-se o recorte irregular da testa, deixando ver só uma sobrancelha.

M. 7 — Original gorro de palha azul marinho, descobrindo bem a testa e descendo muito sobre as orelhas. Viezes de fitas ciré da mesma côr. Sobre um lado pequenas flexas prateadas.

M. 8 — Pequeno chapéo de feltro verde, de forma muito irregular, cloche de um lado, e recortado do outro. E' ornado com incrustações de setim do mesmo tom, seguindo bem o movimento do chapéo.

Fig. 8

O QUARTO DE "JUNIOR" — Junior, conforme dizem os americanos, mandou reclamar porque até hoje ainda não nos occupámos de sua pequenina e importante personalidade. Ainda nã oensinámos á sua mamãe nenhum feitio bonito de roupinha para elle, nenhum [illegible] para seu quarto.

E, porque achamos que Junior tinha razão de estar zangado comnosco, resolvemos fazer as pazes com elle, dando-lhe uma graciosa suggestão para seu mobiliario.

As crianças gostam muito das historias e principalmente daquellas em que entram bichos. Estes, são seus camaradinhas muito queridos, e quando os pequeninos estão deitados para dormir, ha sempre uma roda de travessos animaes a girar doidamente nos seus sonhos. Façamos, pois, o seu quarto de figurinhas coloridas e engraçadas, de forma que, de manhã, ao abrirem os olhinhos estremunhados, as crianças julguem continuar as visões do somno.

Vejam que bonitinho está esse jogo de leito! A pequena mezinha arredondada, esconde em baixo prateleiras para os sapatinhos de Junior; o tamborete e a colcha da cama combinam perfeitamente (fig. 9). Na janella, si

Fig. 10

quizerem, ponham umas sanefas que repitam o babado do banquinho, e o armario laqué, baixinho, leva em cima um panno semelhante ao forro do travesseiro.

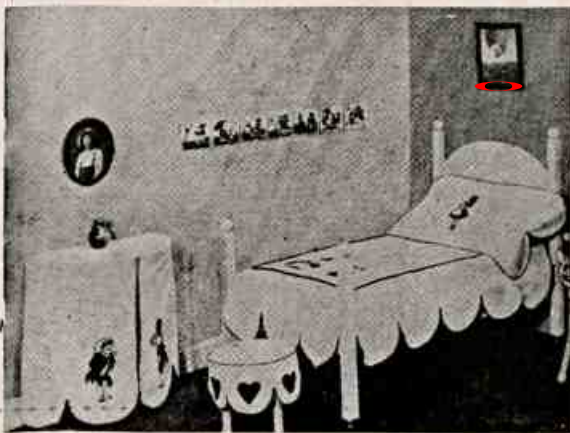
As figurinhas que alegram a brancura da fazenda podem variar a gosto. Peixinhos solennes, de casaca, tão lindos quanto o celebre principe Escamado, noivo de Narizinho, coelhos vestidos de "gentleman", gatos e cachorrinhos, sapos impagaveis de gravata e cartola... Tambem podem representar um naipe completo com sua dama, o valete e o rei, ficando os azes como "leit-motif" ornamental dos festonés (fig. 10).

Essas figuras podem ser pintadas com as tintas indeleveis á lavagem, que são encontradas em qualquer casa de objectos de pintura; tambem ficarão interessantes feitas ou com lã ou organdi applicados, ou ainda bordadas com tons alegres.

E na parede preguem umas gravuras recortadas dos livros de figuras, colladas sobre papelão e beiradas de papel de côres vivas... e Junior será bem exigente, se não achar que seu quarto se transformou num pequenino recanto do paraiso.

*O QUE TEMOS VISTO* — *Cherry-stick*. E' um ornamento para um pequeno bar de salão, e, ao mesmo tempo, um objecto util na hora do *cock-tail*.

Os *cherry-stick* são esses minusculos garfos destinados a espetar as azeitonas ou as cerejas no fundo do copo. Existem agora de todos os fei-

Fig. 9

tios, porém os mais simples, são terminados por umas bolas de galalithe colorida. Offerecem-nos num pequeno "shaker" de metal inglez, enfiados numa grade que deixa apparecer somente as bolas de côr viva.

*Pelles* — A pelle de raposa, de qualquer côr, está muito em moda. Para lhe dar uma apparencia de novidade, cortam-se-lhe a cabeça e a cauda. O animal, assim mutilado, é enrolado em torno da golla, mas emquanto que o pescoço recáe apenas, a parte inferior da pelle desce por todo o comprimento da veste curta, e as duas patas trazeiras, separadas em V, seguem o corte do tecido, formando um interessante ornamento denteado.

*Opalina* — Os vasos azues de nossas avós estão em moda hoje em dia. A tal ponto que se têm fabricado imitações; o crime não é grande, pois, afinal, os actuaes são egualmente bellos. Comprem, pois, sem escrupulo, o pequeno vaso de gosto antigo, despido de ornamentos, porém azul como um bello céo primaveril, ou como um sonho de mocidade. Com elle podem fazer um presente de gosto, principalmente se o ornarem com um bello ramo de flores côr de cobre.

CINDERELLA.

# CIZALHAS

PARECE que o theatro moderno vae soffrer profundas alterações, não quanto ás peças ou á ensecenação: isso tudo é de somenos importancia, porém relativamente á sua construcção.

Foi terminado um, em Paris, guarnecido de um bar ultra-chic, de quartos de repouso, salões d ecabelleireiros e até de uma nursery para que as mães de familia tenham que deixar seus bébés no vestiario.

Porém melhor ainda será o que está projectado, segundo corre o boato nas rodas parisienses. Esse, terá no sub-solo uma immensa garage com officinas para concertos de automoveis e salão de repouso para os chauffeurs. Uma grande piscina mixta com installações hydrotherapicas e laboratorios de "maquillage" permittirá ao publico fazer mais amplo conhecimento com os figurantes da peça.

O restaurante será particularmente zelado, e possuirá uma sala de leitura com cinema de informações. O curso da Bolsa de New-York ahi será annunciado ás 10 horas da noite.

Bar humido e bar secco se farão mutua concorrencia. Este ultimo comportará uma fonte. de agua mineral colhida de manhã e trazida por aviões. O bar, tendo assim um caracter de estação de aguas... nada se oppõe a que lhe seja annexado um salão de jogo... e isso é o importante.

Para complemento, os logares serão alugados por cada acto, e não para o espectaculo todo, pois quem terá mais tempo disponivel para assistir uma peça inteira?

E' ideal, não acham?

NOS CINEMAS DA AVENIDA ——— (Conclusão)

a emocionar o publico. Baclanova e Dorys Hill, duas figuras formosas, cada um d'elles dentro da psychologia da figura indicada, a ingenua e a perversa, que se regenera pelo amôr. A direcção bôa, como bôa a parte technica.

Cotação — BOM

## JUSTIÇA DO ACASO

DA TIFFANY-STHL

*(Programma Serrador)*

Cinema ODEON — A fantasia n'este romance de ambiente moscovita, de antes da queda do Imperio, largou um pouco demais as suas asas, e fugiu desabaladamente das cousas racionaes e logicas. Usou do seu pleno direito. Se não houvesse fantasia não haveria enredos; e por mais que affirmem que o cinema é a arte que melhor realiza a expressão exacta da vida, temos de confessar tambem que ella tem sido e continuará sendo por muito tempo a causadora do resurgimento do espirito romantico. Esta pellicula é uma das melhores que nos tem dado nos ultimos tempos a Tiffany-Stahl. A direcção de Gregor é uma trabalho de muito merecimento, não só pela justa sequencia no desenvolvimento da acção, como pela exacta reconstituição do ambiente e rigor dos typos. Excellente tambem a parte technica e a interpretação, mormente por parte de Frazer e Shermann.

Cotação — BOM

## CORAÇÕES DE OURO

DA P. D. C.

Cinema PATHE' — Uma historieta romantica como varias outras, passadas nas florestas do Canadá, com os negociantes ladrões, a mulher criminosa que seduz o official que a prende e, por fim, os suppostos ladrões transformados pela vara magica de certos documentos como anjos sem asas. Em resumo, uma fallencia absoluta de originalidade, com que a Producers de ha muito se distingue. A direcção e o *cast* são acceitaveis. O nome de Maurice Flynn andou algum tempo na berra.

Cotação — SOFFRIVEL

# A melhor parte

EM sua correcta e fria salinha de jantar, o senhor de Vaulnay terminava o almoço frugal que lhe servia a empregada, quando bateram á porta. O senhor de Vaulnay surprehendeu-se: elle fazia muitas visitas, mas recebia poucas. Quem, assim, poderia vir vel-o ao meio dia?...

A empregada voltou com uma carta trazida por um rapido.

O senhor de Vaulnay tomou-a, reconheceu a calligraphia, estremeceu profundamente, corou, empallideceu.

E, afinal, leu:

"Meu caro amigo,

Eis-me de volta a Paris e completamente restabelecida. Venha ver-me. Quero ainda agradecer-lhe a solicitude patenteada durante meus fastidiosos dias de convalescença naquella casa de saude de que guardei tão desagradavel recordação... Como foi bom, attencioso, devotado... Que amigo sabe ser!... verdadeiro e fiel... Venha ver-me hoje mesmo, de tres a quatro horas, quer? Trocaremos impressões...

Da amiga reconhecida,

*Gabriella de Loisy.*"

As mãos do senhor de Vaulnay tremiam, agitando a folha de papel; o coração batia violentamente. Releu as linhas que acabava de receber. Absorvido pela emoção, ouviu apenas a criada que lhe dizia, como de costume, depois de tirar a mesa:

"Senhor, já acabei, vou-me embora."

Evocava, com uma intensidade subitamente augmentada, um rosto fino, delicadamente bonito, uma bocca vermelha, nitidamente cinzelada, de sorriso terno e zombeteiro, grandes olhos negros, um talhe flexivel, esbelto, onduloso, toda a belleza preciosa, todo o encanto harmonioso de Gabriella de Loisy, que não via ha um mez senão no pensamento, e queria rever dentro em pouco.

O senhor de Vaulnay pousou os labios sobre as linhas que ella traçára. Embebia-se no seu amor com uma delicia sem esperança.

Alguns annos antes, encontrara no mundo a senhora de Loisy, viuva ha pouco de um marido de quem não sentia saudades, e desde este primeiro encontro elle a tinha amado. Nunca ousara dizer-lh'o. Timido, pouco rico, achando-se velho, apezar de não ter ainda quarenta annos, julgando despidas de attractivos sua magra estatura e sua physionomia apagada, desconfiava de si mesmo e da vida.

A moça, muito envolvida sempre em homenagens, muito festejada, parecera, desde então, inaccessivel. Temia muito, arriscando uma confissão directa, perder para sempre a amizade que ella lhe concedia. Gabriella, com effeito, testemunhava-lhe uma doce sympathia e elle se tinha tornado logo para a moça um velho amigo. Saberia ella a que ponto a amava elle e como estava violenta e cruelmente ciumento das homenagens com que os outros homens a rodeavam? Não, ella não poderia sabel-o... Elle mesmo, antes, não teria crido possivel experimentar tanto amor e tanto soffrimento. Não vivia senão para aquelles momentos, sempre muito raros e breves, onde a encontrava. Teria querido, com um ardor desinteressado, de adolescente enthusiasta, devotar-se inteiramente a ella, soffrer para que elle fosse feliz, morrer para que guardasse a sua

De FRÉDÉRIC BOUTET

lembrança... — E era nisto que pensava quando, calmo, correcto, reservado, se inclinava deante da moça no salão. Era no seu amor que pensava sem cessar, só em casa, no pequeno apartamento frio e correcto de Ternes, que habitava ha uns dez annos já e cujo aluguel encontrava agora difficuldade em satisfazer, por não lhe terem augmentado as rendas com o custo da vida.

Depois de alguns annos de amor silencioso e cada vez maior, o senhor de Vaulnay foi agitado por uma angustia horrivel, e, em seguida, gozara de alegrias maravilhosas.

A angustia fôra causada por uma enfermidade subita da senhora de Loisy, que teve de ser transportada para uma casa de saúde, e operada. O senhor de Vaulnay, durante os dias em que a moça se encontrara em perigo, experimentara as mais crueis torturas. Não se afastava em absoluto das immediações da casa de saude e pedia noticias de hora em hora. Opprimia-o uma tristeza mortal. Não se recordava de ter, em toda sua vida, conhecido tão grandes tormentos.

As alegrias tinham vindo da convalescença da joven viuva. O senhor de Vaulnay foi feliz então, como nunca o fôra em toda a sua vida: Gabriella de Loisy estava salva e elle a via muito mais vezes, e mais intimamente, do que o tinha conseguido até essa época. Certamente a convalescente recebia outras visitas além das suas, mas elle vinha todos os dias e ficava sempre todo o tempo que lhe permittiam. Estava muitas vezes só com ella, e procurava distrahil-a contando novidades mundanas que recolhia para esse fim; outras vezes lia para ella; outras, ainda, ella o encarregava de alguma pequena viagem, de incumbencias que elle executava, sentindo-se extasiado de felicidade. Achava-se util, agradavel, mais perto della. E a moça, commovida com tanto desvelo, tanta solicitude discreta e delicada, que tão bem correspondiam com a languida e feliz solidão deliciosamente saboreada por ella ao voltar á vida, mostrava-se benevolente, confiante, doce, quasi terna... Depois de algumas semanas, esta ventura humilde e tão preciosa foi arrebatada ao senhor de Vaulnay. Gabriella, por conselho medico, partira para o sul para acabar de restabelecer-se.

O senhor de Vaulnay, tendo ficado em Paris, — porque a que titulo teria acompanhado a moça, mesmo se seus recursos lhe permittissem fazel-o? — encontrou-se então numa solidão horrorosa e viveu dias fastidiosos e interminaveis de pesado desgosto e de tedio, illuminados somente tres vezes por cartas, breves aliás, de Gabriella...

Agora, ella estava de volta; ia revel-a... Sua emoção crescia á proporção que se aproximava o momento. Desde duas horas elle se preparava, retocando a cabelleira loura e rara, atando a gravata nova. Em seguida, perfeitamente correcto, como sempre, mas com as mãos geladas e a garganta apertada pela mais violenta emoção, dirigiu-se para a praça do Trocadéro, onde residia a senhora de Loisy.

Em sua pequenina sala encantadora, ella o recebeu estendida numa "chaise-longue", numa attitude um pouco languida que ia bem á sua graça quasi fragil... Que ella era bonita, não havia duvida... e mais bonita do que nunca!...

— Meu velho amigo, como estou contente em vel-o!...

— Sim, estou curada, inteiramente curada... [illegible] volto á vida... Sou feliz... Meu Deus! Para apreciar o valor da existencia, é preciso ter passado por essas horas terriveis..., o soffrimento, a an-

# A MELHOR PARTE

*(Conclusão)*

* * *

gustia antes, o momento horrivel em que sabemos que podemos talvez morrer... o chloroformio...

Ella continuou, contando, como já o tinha feito umas dez vezes, pelo menos, todos os seus terrores, todos os seus soffrimentos, todas as suas penas depois da operação. Dava detalhes, evocava dôres physicas, com uma precisão extrema, na embriaguez que sentia por ver dissipado o pesadello... Agradeceu-o depois ainda por ter sido para ella um amigo tão bom, tão delicado, tão fiel.

— Como eu me aborreceria sem o senhor! Como soube distrahir-me, com que paciencia supportou meus accessos de mau humor e de enervamento!... Mas, não, não proteste. Eu os tive... sei que os tive... Como foi bom! Como lhe agradeço...

— Não me agradeça, balbuciou elle, com voz estrangulada. Passei a seu lado as horas mais maravilhosas, mais preciosas de toda a minha existencia...

— Perto de uma doente tão exigente? Meu amigo, o senhor não é nada difficil... Asseguro-lhe que pensei muito em sua pessoa depois de minha partida. De resto, escrevi-lhe algumas vezes... E agora, vamo-nos ver muitas vezes, tambem, assim como naquelles maus dias. Tornei-me de novo mulher. Não sou mais um pobre farrapo de gente, uma soffredora, a quem é preciso distrahir e animar... Irá segunda-feira proxima á recepção dos Auberive?... Se fôr, encontrar-nos-emos...

— Sim, irei. Irei certamente.

Elle a olhava com uma angustia dissimulada. Comprehendera de repente que aquillo que recebera della durante a sua molestia, — intimidade, confiança, affeição talvez, — não teria mais dali por deante.

Voltara restabelecida, mundana, inaccessivel... mais afastada delle do que dantes... quando elle soffria tanto por amal-a e representando tão pouca cousa para ella...

— Mas, vamos lá, conte-me algumas novidades! — exclamou ella. — Eu nada soube durante esse mez passado fóra de Paris, sem vel-o, para trazer-me ao corrente de tudo, como acolá, na casa de saude!

O senhor de Vaulnay obedeceu docilmente... mas tinha agora poucas novidades a narrar... Não pensara que deveria se munir de algumas dellas para o dia em que a tornasse a ver... Contou, no emtanto, uma meia duzia de casos. Ella lhe fez numerosas perguntas acerca de suas relações communs. Elle respondeu do melhor modo que pôde, tão alegremente quanto possivel. De repente percebeu que a senhora de Loisy olhava o relogio, que marcava quatro horas. Imaginou que talvez a estivesse fatigando e pensou em despedir-se.

Subitamente, o telephone, sobre uma mesinha collocada junto á "chaise-longue", tilintou. Gabriella estendeu o braço e tirou o receptor. Elle acreditou vel-a corar um pouco; ouviu-a responder no apparelho com uma voz que lhe pareceu commovida, um pouco tremula...

— Mas, sim, estou á sua espera, sem duvida, disse ella. Eu o espero... Tenho agora ao pé de mim meu velho amigo, o senhor de Vaulnay, que já conhece, creio... Veiu fazer-me companhia por alguns instantes... Então até já...

Collocou no logar o receptor.

— E' o senhor Le Danois, explicou logo ao senhor de Vaulnay. Pedia noticias minhas e perguntava-me se podia fazer-me uma visita.

O senhor de Vaulnay sentiu um calefrio. Jean Le Danois era um rapaz seductor, elegante e amador de sports, e, de todos os amigos de Gabriella de Loisy, aquelle de quem o senhor de Vaulnay sentira maior ciume. E este ciume explodiu então, allucinante; ficou subitamente persuadido de que Jean Le Danois desposaria, mais dia, menos dia, a joven mulher. Conseguiu, porém, dominar a emoção que o assaltara.

Levantou-se e despediu-se de Gabriella.

Ella deixou a "chaise-longue" para acompanhal-o até a porta. Parecia um pouco contrafeita, e, comprehendendo, sem duvida confusamente, o que elle experimentava, teve um vago remorso misturado de piedade:

— Até a vista, meu amigo, disse ella, estendendo-lhe a mão pela segunda vez.

Hesitou um segundo, sorriu, e ajuntou, quasi ternamente:

— Vejamos... é o senhor que tem a melhor parte.

Elle sorriu tambem, corajosamente, com um sorriso cheio de melancolia, onde se misturava um pouco de escarneo por si mesmo:

— Sim — murmurou — ... a parte do pobre...

E partiu...

* *

---

# Brinquedos

Carlos Madeira

A sensação de conforto que experimentamos consolando alguem, é o egoismo da certeza de que somos menos desgraçados.

•

Se não conseguimos o que almejamos, dizemos que foi o "destino"; elle é um consolo; foi creado para desculpar nossas tolices.

•

Porque elles conversam commigo, sabem meu nome, o que faço e do que vivo, dizem que me conhecem. Meu Deus, quanta ingenuidade!

•

Sou incontentavel; nunca estou satisfeito; quero ser mais do que sou... Entretanto, muita gente seria feliz se fosse como eu!

Acho mais interessantes os meus inimigos porque elles dizem, realmente, o que pensam de mim.

•

Dizemos: *um artista de "real" valor*, porque, n'esta época, até o valor anda falsificado.

•

Reflexão d'um palhaço! "Meu Deus, que destino miseravel!"

•

Reflexão de u'a mulher desgraçada: "E dizem que sou da vida alegre...!"

•

Reflexão d'um homem honesto: "Se eu tivesse necessidade, seria até capaz de roubar!"

COLLABORAÇÃO

# Os Homens São Assim...

VI um regato a refrescar certo trecho de floresta.

Deslisava pressuroso, enfatuado e afoito, pela encosta da ribanceira. Fazia-se para uma cascata além, como a criança a correr para uma queda, longe.

Seguí-lhe a correnteza, que se arrastava como milhões de petalas de jasmins liquefeitos, a escoar.

O volume de agua assim, antes de chegar ao poço que a seus pés se espraiava, debruçava-se sobre as lages escorregadias.

Contorcia-se em serpenteios lubricos. Fitas de espuma saltitavam ao vento. Verdadeiro lençol de perolas a cahir!

De mãos dadas á curiosidade, esgueirei-me pelos arbustos que velavam o precipicio, para descobrir, em baixo, abanhar-se, minuscula esculptura de um corpo feminino.

Comprehendi, então, o alvoroço da agua ao fugir da nascente...

Mas o riacho, no fim da sua trajectoria, arrefecêra o enthusiasmo transformando o dynamismo da sua exuberancia na tranquillidade serena de um enfastiado. E espreguiçava-se, aborrecido, por entre as pedras que já ficavam bem distantes da cascata.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

— Nós, homens somos assim como o riacho.

A principio: alegria, pressa, loucura.

— E por fim?

... A indifferença, que é o epilogo mais certo da conquista.

O coração vive com o primeiro sorriso e morre com o segundo beijo. D'ahi por deante o imperio é do estomago.

E o fastio resplandece...

**Braz Gléttе**

# O Tamboril

## De Alejandro Larrubiera

PARA tio Gildo, o tamborilheiro de Villabrines, tinha chegado o momento fatal inexcusavel de pagar a divida que todos contrahimos ao nascer; o bom do homem se ia desta para melhor. Assim o affirmava, grave e solenne, dom Cleobulo, o medico, aos parentes que, silenciosos e com cara de circumstancias, acudiram á propriedade de tio Gildo; a tal parentela não sentia lá grande tristeza com a desgraça que sobreviria dentro em pouco, a acreditar-se na honrada palavra do Hippocrates do logar. Ao tamborilheiro no tinham affeição porque vivera fartamente, afastado dos seus, sem outro affecto que o de Lucas, um rapaz que recolhera não se sabe onde e que, com o correr do tempo, foi para o pobre velho, amigo, creado, guia e conselheiro solicito e fiel.

Proseguiu sempre crescente a amizade de ambos; quem ignorasse a caridosa acção de tio Gildo e os visse nas romarias, festas e brodios, tel-o-á por pae e filho, bem impressionado com a carinhosa sollicitude com que se attendiam e auxiliavam no alegre officio que tinham escolhido. O velho, ultimamente, dava, lá uma vez ou outra, uns rufos no tamboril que por espaço de meio seculo ajudara-o a ganhar a vida. Lucas era que o fazia "falar" agora, com maestria só comparada á alcançada pelo protector. Gravada como um espinho em seus corações sordidamente parcos, sentiam os parentes a protecção que o velho dispensava a Lucas, e ainda murmuravam entre si que, certo, appareceria algum testamento pelo qual se faria o engeitado — assim designavam o pobre rapaz — dono e senhor dos poucos ou muitos bens de tio Gildo.

O rosto dos parentes, no estado desesperador em que estava o tamborilheiro, atacado de uma hemiplegia, reflectia uma duvida mortal: saber se o bom do homem confirmaria ou não as suas suspeitas. O unico que sinceramente affiicto, o unico que attendia ao enfermo e pedia a Deus, á Virgem e a todos os santos, com profunda emoção, que tio Gildo não abandonasse este mundo, era Lucas; ao infeliz poderiam enforcar com um fio de cabello, e melhor foi mesmo que a affiicção lhe turbasse a vista, porque não póde assim notar os olhares e os modos daquelles egoistas que imprudentemente expressavam ao "engeitado" seu odio feroz, como abutres corvejando sobre a presa que vêem arrebatada pelo inimigo.

Dom Cyriaco, o parocho, entrara na alcova para cumprir seu sagrado dever junto áquella alma prestes a abandonar a misera carcassa, e contam que o bom do cura, ao penetrar no quarto e vêr á cabeceira do leito o tamboril como um prophéo glorioso, fizera um gesto de desagrado, e parece até que, levado pelo genio impulsivo, estendera a mão para tirar dalli o instrumento que em tão criticas circumstancias tinha por irreverente e deslocado em tal sitio.

Mas tio Gildo, fazendo um esforço quasi sobrehumano, rosnou ferozmente, e não podendo mover os braços nem a lingua, deixou transparecer no olhar um energico protesto com o que dom Cyriaco se deteve, algo confuso. Mas quando se approximou do infeliz póde lêr em seus olhos uma grande satisfação...

O velho já se tinha persuadido de que aquelle era o seu ultimo dia, e no mundo de recordações que lhe acudia em tropel á mente, o tamboril era sem duvida, para o pobre homem o que a bandeira é para o soldado, a reliquia para o religioso, o filho para a mãe...

...................................

Dom Cyriaco sahiu do quarto e poucos instantes depois resôaram na alcova as fingidas e ruidosas lamentações dos parentes e os soluços sinceros do inconsolavel Lucas.

* * *

JÁ na esmeralda dos prados destacam-se como inquietos rubis as tremulas papoulas, já resoam nos valles os sons alegres do tamboril e da flauta; chegou a epoca consagrada aos festejos e romarias, e tudo é alegria, tudo são danças e cantos na região montanheza.

De feira em feira e de romaria em romaria, lá vae o Lucas com seu tamboril ás costas, e em toda a parte é esperado com impaciencia pela gente moça, e em toda a parte o recebem com alvoroço, e o mimam, agasalham e applaudem...

E, no emtanto, quem tanta alegria espalha em torno de si anda tristemente e melancolico, porque duas amarguras enchem sua alma e annuviam sua alegria natural: uma é a perda do mestre, profundamente sentida, a outra, a mais pungente e cruel, e que lhe rouba o bom humor, trazendo-o inquieto e pensativo, é considerar perdida a esperança mais venturosa de sua existencia.

Muito antes de tio Gildo ir-se para a outra vida, quiz o louco amôr que Lucas puzesse os olhos em Nela, a filha de tio Torrezno; a moça bem valia os suspiros profundos e os olhares melancolicos do galan ao contemplar-lhe o rosto de rosa, o talhe flexivel, o busto de linhas harmonisas e esculpturaes.

Nela, porém, não o ouviu como quem ouve a chuva cahir, mas muito attenta e emocionada, porque a ella tão pouco lhe parecia sacco de palha o airoso gavião que teendia arrebatal-a do ninho paterno... Mas o pae da moça era tido no logar como homem endinheirado e extremamente ambicioso... Lucas era, sem duvida, um gentil moço, disposto e trabalhador..., mas não tinha um vintem...

Esta suprema razão, que tantos desvios e desditas occasiona aos mortaes, ennublava o idyllio; animava, não obstante, o joven par a esperança de que tio Gildo o tiraria do atoleiro, porque ninguem melhor do que elle podia aproximar-se de tio Torrezno, seu parente, e tentar sem mais nem menos, a boda.

Mas tio Gildo se despediu em má hora para elles do mundo, deixando-os terrivelmente logrados.

Presumiu Lucas que talvez seu protector se tivesse lembrado delle no testamento; outra esperança desvanecida; tio Gildo morrera *ab intestato*, e por conseguinte, segundo a lei, entraram a herdar os seus, os de seu sangue, e o predilecto de sua alma, e aquelle que acolhera pequenino e que criara como filho, ficou sem eira nem beira... só com o tamboril, que por ironica casualidade o proprio tio Torrezno lhe entregou, a elle, o "engeitado", dizendo disfarçadamente, numa dissimulação de homem grosseiro:

— Ahi tens esta joia, galan!... Com ella ganhou a vida o pobre Gildo, e tu a ganharás do mesmo modo, que sabes de sobra fazel-o "falar".

* * *

CONSTRANGIDO por Nela e mais ainda pela penosa incerteza em que vivia, Lucas se decidiu a falar "claro" com tio Torrezno.

Escutou-o o homem sem pesta-

nejar, sem uma replica: no seu rosto vagava um sorrisozinho capaz de gelar o animo do mais arrojado pretendente.

Ao fim da difficil narração de Lucas, que *discursara* pouco melhor que uma porta, disse-lhe tio Torrezno, calmo e sem abandonar o seu sorrisozinho:

— Está muito bem tudo quanto acabas de dizer-me, e seria eu muito mal educado se não te agradecesse todo o bem que falaste de minha Nela; mas julgo que uma cousa é ser agradecido e outra é ser pae... Melhor do que a ninguem te daria eu a minha rapariga, e com muita honra, sim, porque tu és, sem nenhum favor, um homem de bem, mas o caso é que...

Deteve-se tio Torrezno como se não atinasse com a resposta.

— O caso é — proseguiu afinal — que quero para minha Nela um homem assim, com tuas qualidades, mas que me traga nos bolsos alguma cousa sonante e que ajude a levar a carga.... Os tempos estão cada vez peiores... Eu..., eu não tenho mais que quatro terrenos, com os quaes não tiro nem para pagar o imposto... E' bom a gente se amar, mas no dia em que não houver um centimo não irás encher a panella com o teu carinho... Não quero que minha filha se veja em taes apuros... e... já me entendes, homem, já me entendes... Com *fantasias* de amôr ninguem vive...

Deu com estas palavras o seu não consentimento o tio Torrezno, e Lucas, depois de balbuciar palavras sem sentido, foi-se arrenegando de sua pobreza, de sua negra sorte, da avareza dos paes e da hora em que lhe passara pelo pensamento falar áquelle demente de velho que chamava "*fantasia*" o seu carinho por Nela.

.....................................

Eu não conheço o diabo, e creio, leitor, que tu tão pouco terás tido sorte tão infeliz, mas elle deve ser, hypotheticamente falando, o mais perigoso e divertido dos embusteiros, e que tem prazer em preprarar estupendas surpresas aos mortaes. Digo isto porque Lucas, desde o dia e hora que ouviu dos labios de tio Torrezno a recusa que o afastava de seu idolo, andava, como vulgarmente se diz, "com a cabeça á roda", com um humor de condemnado, e o rosto côr de vinagre puro.

Para que fosse mais ironico o contraste, o moço tinha de tocar o tamboril no centro da praça ou sob as sastanheiras, divertindo os romeiros.

Tocará forte, e ás vezes, esquecendo-se de que o instrumento não era a cabeça de tio Torrezno, atacava cada rufo que só por um milagre não fazia saltar a pelle do tambor.

Num delles, as baquetas prenderam-se á caixa através da pelle que se rompeu violentamente pelo meio.

Lucas, pela primeira vez em sua vida, soltou uma praga das mais energicas e descabelladas, e deu por terminada a sua missão no baile.

Com o tamboril ás costas emprehendeu o seu caminho de regresso á aldêa, e na estrada o controu-se cara a cara com o odiado tio Torrezno e sua adorada filha.

— Que! — achou de perguntar-lhe o velho, admirado de vêr voltar o moço em plena tarde — não tocas hoje em Esponzoés?...

— De lá venho — resmungou Lucas, mais attento á Nela que ao seu interlocutor.

— Não ha baile? — insistiu este.

# GLYCEROPHOSPHATO ROBIN

*Lactação*
*Gravidez*
*Crescença das creanças*

Laboratorios M. ROBIN, 13, rue de Poissy, PARIS

Representante exclusivo e responsavel : R. AUBERTEL, Caixa 1344, RIO DE JANEIRO

# INSTITUTO HYGIENICO
— DE —

*Tratamento scientifico da pelle, massagens faciaes, electrolise, galvanisação, raios violeta, banhos de luz, embellezamento das sobrancelhas*

MANICURE E CABELLEIREIRO

**BECCO MANOEL DE CARVALHO**
**16 - 1.º**

ESQUINA DE
13 DE MAIO

Ao lado do Theatro Municipal—Teleph. Central 3091

## HA 23 ANNOS!
# TUMORES, ESPINHAS, FERIDAS, MANCHAS

José Raymundo Lopes

Soffria eu, de horrenda Syphilis, ficando com o corpo coberto de tumores, feridas, espinhas, manchas, etc. Tomei muitos preparados sem obter siquer melhoras.

Cançado, depauperado e desilludido pelo soffrimento, julguei não mais ficar bom.

Por conselho usei o insuperavel depurativo «ELIXIR DE NOGUEIRA», do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, e com 8 vidros, somente, fiquei radicalmente curado.

Ha 23 annos que estou radicalmente curado.

Pelotas, 10 de Maio de 1918.

José Raymundo Lopes.

Attestado (resumo) confirmado por um medico. (Firmas reconhecidas).

# GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES DO DR. VAN DER LAAN

**Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.**

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz. Innumeros attestados provam exuberantemente a sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Deposito Geral ARAUJO FREITAS & C. — RIO DE JANEIRO

*Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias*

# Amor de um Pintasilgo

COM effeito: para aquelle pobre pintasilgo, aquella manhã fresca de orvalho era deliciosamente agradavel.

Mesmo entre os ramos trançados daquella mangueira enorme, de sombra carinhosa e farta, o dia surgia vestido de prata e oiro.

O pequeno pintasilgo abriu as azas e soltou a sua canção predilecta.

Sentiu-se mais leve que uma de suas pennas.

E teve a vontade esquisita de vôar bem rasteiro, quasi tocando o solo.

Afiou as azas e partiu.

A principio, beirou o rio que cantava as suas maguas sem ouvir as queixas das pedras.

Depois, roçou-se por uma campina enorme, onde as boninas se beijavam na concha rosea dos ouvidos. Em seguida, a cidade appareceu por entre a mica doirada da luz morna do sol.

Elle, então, quiz ter da cidade, as noções sufficientes para se tornar um passarito bem educado.

Mas foi perseguido impiedosamente pela criançada gárrula.

— Por que motivo será que essas crianças me atiram pedras? Ter-lhes-ei furtado o milho do seu milharal? Não sou eu quem destróe os insectos nocivos ás flores de seus jardins?

E vôou para o alto pousando sobre a cruz de ferro de um campanario.

Debaixo, vozes de um cantochão subiam dolorosamente.

— Eis ahi, uma coisa que não chego a comprehender! Por que são tristes os homens sendo elles os reis da Criação?!

E o passarito escondeu uma das suas pernas debaixo da aza e ficou largo tempo a reflectir sobre este grande problema da alma humana.

Mas o sol, esquentando, afugentou das ruas a criançada innocente, e o pintasilgo resolveu, então, descer novamente á terra.

Deante da casa de uma florista, elle ficou deslumbrado por vêr, dentro de um sympathico vaso de crystal, a mais bella e a mais delicada das rosas que elle já conhecera.

— E' romantico — pensou, admirando-lhe a graça delicada das petalas.

E apiedou-se della.

— Mimosa flôr: sei que não és feliz, porque sou psychologo.

— E' verdade: aprendi esta sciencia com um velho frade cenobita, o homem mais alegre que eu já conheci na vida.

— Sou pobre, mas tenho uma alma capaz de comprehender as mais subtis delicadezas do coração de uma rosa. Queres acceitar o meu amor? Livrar-te-ei dessa vida ignobil, embora dentro de um rico vaso de crystal. Cantarei para os teus ouvidos as mais lindas das das minhas canções. Sou poeta; ouve: viveremos felizes no galho mais robusto da minha mangueira.

Mas um homem chegou.

E a rosa acompanhou-o na botoeira do casaco.

Mais tarde, ella murchou e elle atirou-a para a sargeta de uma rua.

E, ainda hoje, o pintasilgo canta a belleza de uma rosa que elle amou...

JORGE DE ASSIS.

## VERSOS

### LAMENTOS

*Meu coração a bater...*
*Minh'alma triste a chorar...*
*Ai! quem me déra casar!*
*Ui! quem me déra poder*

*Chamal-a de mulherzinha,*
*Afagar o seu rostinho,*
*Com doce amor e carinho,*
*Longe de sua mãezinha,*

*Que não tolera gracinhas;*
*— Pois, só dispondo de um dente,*
*Já mordeu essa serpente*
*As minhas debeis perninhas...*

*Com blandicias supplicar*
*Um beijo para dar mil,*
*Seu corpo lindo e gracil*
*Com gentileza abraçar...*

*Minh'alma triste a chorar...*
*Meu coração a bater...*
*Com vontade de saber*
*Se posso agora casar...*

LEOPOLDO D. AMARAL.

## O TAMBORIL

*(Conclusão)*

— Sim, ha baile, sim.... O que não ha é tambor; rasgou-se a pelle.

— Sinto muito, homem, sinto, porque o tamborzinho era uma joia... E, então, adeus, que nós vamos para uma volta na romaria!...

Rosnou o moço um "maldito sejas!", dirigiu á noiva um olhar intraduzivel e continuou a sua jornada.

Dirás, leitor, se és impaciente, que não atinas com a razão por que antes puz em fóco o diabo, quando cousas de tão pouca importancia se vão succedendo nessa vulgarrisima historia.

A diabrura entra agora: é que Lucas ao chegar em casa e collocar sobre uma cadeira o pobre tamboril, notou, admirado, que pela parte interna, em toda a circumferencia do arco, estava collada uma tira de carneira, accessorio nunca julgado de utilidade em taes caixas de musica...

Entre curioso e surprehendido, metteu Lucas a mão para apalpar a tira, e pelo tacto notou que se encontrava como que forrada de papel, intrigado já, e servindo-se de uma navalha, rasgou com cuidado a carneira e viu, attonito, cahir ao fundo do tambor, sobre a pelle que não estava rota, uns pacotinhos de papel, azues, verdes, encarnados... e viu, com emoção que qualquer um experimentaria em seu caso, que eram bilhetes de banco. Eram, sem duvida, as economias de tio Gildo, que encontrou para guardal-as o logar mais seguro e apropriado que a caixa do instrumento que lhe proporcionara taes lucros.

Contou Lucas, tremulo, os papelitos e viu que a somma ia além de mil duros... o dobro do que podiam valer as terras de tio Torrezno!...

# A PSYCHOLOGIA DO TRABALHO

Não ha negar a influencia reciproca entre o espirito e a materia. A lassidão é a consequencia fatal da actividade constante e é preciso um novo estimulo, um impulso energico para fazer o trabalho retomar a sua curva ascendente. Muitas vezes, porém, este estimulo, que faz de novo vibrar as nossas forças physicas e mentaes, precisa ser despertado por meios artificiaes, para que o corpo não se arraste numa lethargia improductiva.

**KOLA CARDINETTE**, este grande revigorador dos nervos, é este estimulo activo que restabelece o equilibrio entre a mente e a materia.

**KOLA CARDINETTE**, o tonico do systema nervoso central, reconforta as forças cerebraes exhaustas pelo trabalho excessivo, e excita as funcções organicas abatidas.

**KOLA CARDINETTE**, contribue para que a curva do nosso trabalho fique traçada no grafico da nossa vida em linha ascencional.

Unicos Concessionarios

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. S. Bento, 35 — S. Paulo.